

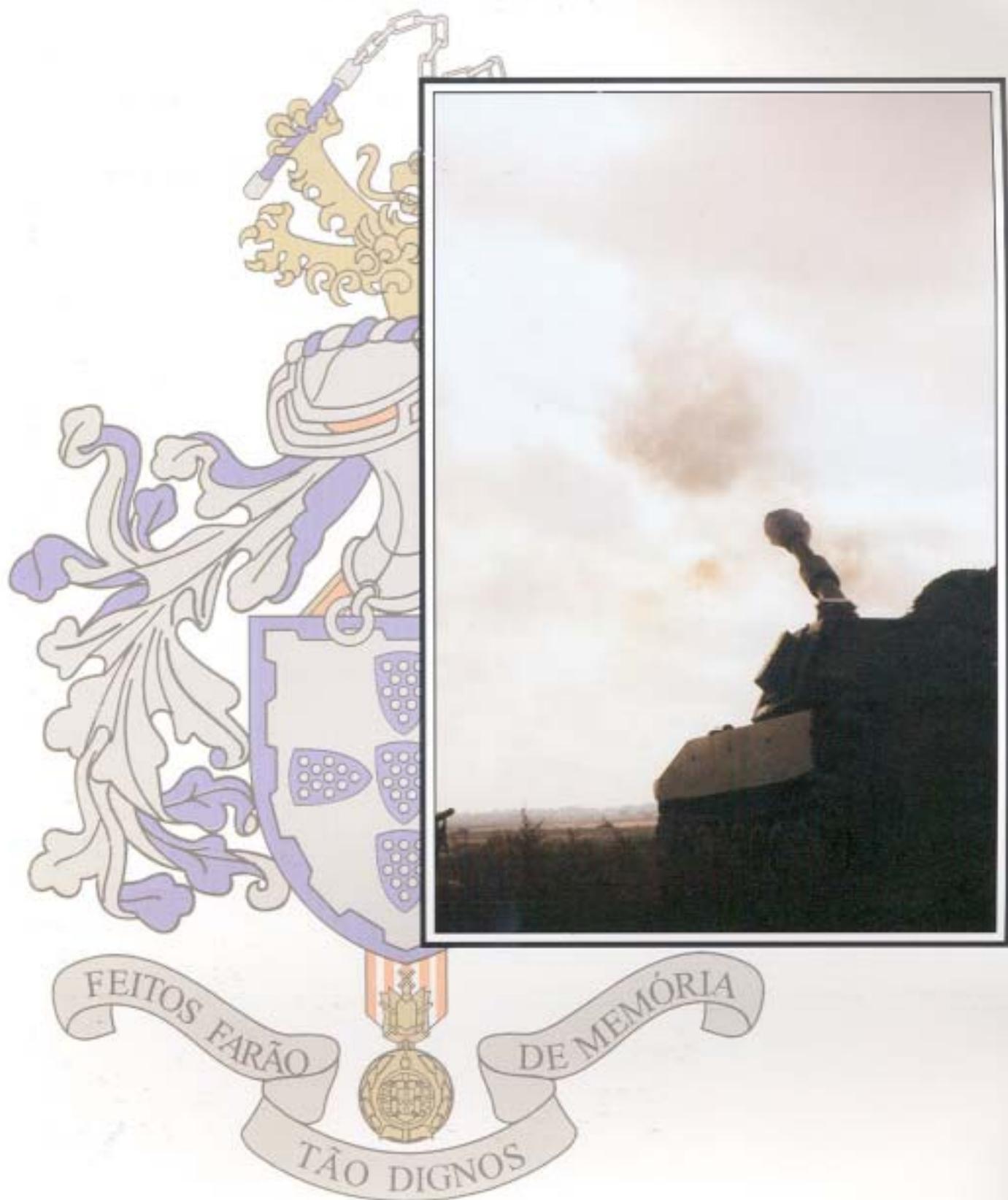
Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida
e da Brigada Mecanizada Independente



Ano III - N.º 6 – OUT2001

BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE



ASSEGURAMOS O FUTURO

SUMÁRIO

1
Sumário



4
A Sociedade Militar Visigótica



9
Programa de avaliação
de instrução sobre operações
de apoio à paz



12
Simulador de tiro «INFRONT»

Dossier Reequipamento



13
Semana do Ambiente



16
SITREP



24
Escolas



26
Educação Física e Desportos



Cartas ao Director

CORRESPONDÊNCIA

Meu estimado e querido
ANTÓNIO EDUARDO QUEIROZ MARTINS BARRENTO
Quero agradecer a ^{GENÉRI} atenção e manifestar o meu apreço
pelo "Atoleiros".
Um abraço.



Da Maria José

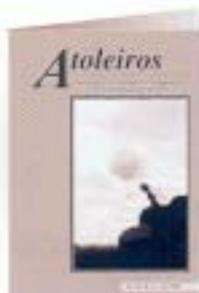
Ao receber a Revista **ATOLEIROS** referente a Abr/2001.

É minha obrigação enaltecer a extraordinária apresentação, desde a matéria prima à qualidade da composição gráfica, bem como manifestar o meu muito apreço pelo real interesse e excelente tratamento dos temas abordados.

Na minha opinião, é a **ATOLEIROS** um edificante e prestigioso exemplo da *Imprensa Militar* que dignifica Todos que para ela trabalham.

O CHEFE DO CAVE

JOSÉ CARVALHO ANTUNES
TCOR INF/QEO RES



FICHA TÉCNICA

Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida e da Brigada Mecanizada Independente

DIRECTOR:
Comandante do CSM/BMI
Major General Jorge Manuel Silvério

REDACÇÃO:
SI/RP/OG/BMI

PROPRIEDADE:
QG/CMSM - 2250 Constância

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Gráfica Almondina
Zona Industrial - 2350 Torres Novas

Tiragem: 700 Exemplares
Depósito Legal n.º 135479/99
Preço: 500\$00



Editorial

MILITARES E CIVIS DO CMSM E DA BMI

Vivemos um tempo caracterizado por dificuldades que se foram acentuando ao longo de anos e que se inserem, fundamentalmente, no âmbito da obtenção de praças e na modernização e manutenção de equipamentos e infra-estruturas.

As carências em recursos humanos (praças) e materiais que afectam o Exército, assumem especial acuidade na Brigada Mecanizada, em consequência da sua missão eminentemente operacional, da especificidade dos seus sistemas de armas e do imperativo de manter em permanência as actividades de instrução e treino que possibilitem o cumprimento da missão que lhe está atribuída.

Com os recursos disponíveis e o extraordinário empenho e sentido do dever dos SOLDADOS DE SANTA MARGARIDA, vimos cumprindo de forma digna as nossas missões no Campo Militar e no exterior do Território Nacional.

A coesão e a fidelidade aos princípios que regem a condição militar, valores essenciais da nossa Instituição e que sempre foram exemplarmente praticados nesta Grande Unidade, serão determinantes para vencermos os desafios que nos estão colocados e contribuirmos para o aperfeiçoamento e modernização da componente operacional do Exército.

Na hora da despedida – após quase três anos de comando do CMSM e da BMI -, manifesto o meu profundo reconhecimento a todos os militares e civis com que tive o privilégio de servir e exorto-vos a prosseguir no cumprimento das vossas missões com o profissionalismo e devoção à Brigada que são apanágio dos SOLDADOS DE SANTA MARGARIDA, exemplarmente evidenciados no Campo Militar e no desempenho de missões de paz no exterior do Território Nacional.

Jorge Manuel Silvério
Major-General



A Sociedade Militar Visigótica

Por quantas desventuras a pátria dos godos tem sido abalada: quão repetidos a pungem os golpes dos fugitivos e a nefanda soberba dos tráfugas, quase ninguém ignora.

Código Visigótico II, 1-7

PORQUÊ OS VISIGODOS

De entre os povos que estão na génese dos habitantes peninsulares de hoje, figura um povo de origem germânica¹, que, possui ainda um carácter um tanto obscuro. O facto das estruturas godas terem sido na altura descritas por autores de cultura latina, com vocabulário inadequado às diferentes realidades trazidas por essas gentes, contribuiu para que, nos tenha chegado uma imagem um pouco distorcida da realidade.

Os Visigodos dominaram na Hispânia durante três séculos e marcaram a transição do período romano para o período cristão. Uma presença que ocupou a totalidade do actual território português assume particular relevo para os militares no sentido em que muitos dos conceitos e estruturas perduram até hoje.

Povo de grande eficácia militar, foram recrutados pelos Romanos para combater a seu lado. Mais tarde, na Península Ibérica, chegaram a aliar-se aos Hispano-romanos, constituindo corpos aliados (*foederati*²). Apesar de entre todos os povos bárbaros serem os mais "romanizados", não perderam o carácter e estrutura guerreira germânicos que vamos tentar descrever.

O poderio visigodo acabou definitivamente no século VIII, com a invasão muçulmana da Península. Caiu de uma forma tão rápida e surpreendente que vale a pena analisar as razões que a isso levaram, como veremos adiante.

É incorrecto falar de Visigodos no período da reconquista, uma vez que as entidades que a prota-

gonizaram eram mais abrangentes. O Reino das Astúrias, posteriormente formado, estava longe de ser o restante do Reino Visigótico. É necessário ter em atenção que naquela região já habitavam outros povos e não há certezas absolutas, sequer, de que Pelágio, o herói de Covadonga e primeiro rei das Astúrias, tivesse ascendência goda.



ORIGEM DO POVO E COMO SURTEM NA PENÍNSULA

Em finais do Séc. IV, o Império Romano do Ocidente vacilava, flagelado pelas incursões dos povos bárbaros que irromperam das fronteiras além-Reno e se vieram a instalar nos territórios pertencentes a Roma.

¹ Germanos: designação genérica atribuída a um vasto conjunto de povos bárbaros que habitavam os limites do império romano, para leste do Reno.

² *Foederati*: federados. Durante parte do Séc. V, os Visigodos coexistiram na Hispânia com os descendentes do império, os Hispano-romanos. Uma coexistência que nem sempre foi pacífica e que acabaria com a assimilação destes últimos pelo império visigótico. Durante essa época de coexistência, os Visigodos, já com estatuto de nação entre os Romanos da Península, eram considerados povo federado.

Uma Roma, impossibilitada de formar e manter uma força militar capaz sem recorrer a mercenários e aliados. Isto obrigou a que os poderes fossem sendo progressivamente descentralizados, pelo que os Romanos na Hispânia eram relativamente autónomos. Para além disso, nesta altura já estavam fundidos com muitas das culturas e etnias autóctones, o que nos permite identificar uma entidade conhecida como os Hispano-romanos.

A Hispânia estava dividida administrativamente em províncias, como aliás todo o Império (ver mapa), e todos os governadores provinciais dependiam do *Comes Hispaniarum*, representante directo de Roma. A consciência de que só os poderes regionais teriam alguma hipótese de triunfar levou a que Romanos lutassem entre si para conseguir o controlo das regiões mais afastadas de Roma. Tornou-se frequente o recurso às forças de povos bárbaros como os Vândalos, Alanos e Suevos que, em vez de reforçarem a defesa da Península, apenas trouxeram mais instabilidade, perturbação e violência. A única solução de pacificação encontrada pelo imperador Honório em 409 consistiu em tolerar a presença dos bárbaros nas regiões da Hispânia consideradas menos vitais para o Império, reduzindo a autoridade romana à província da Tarraconense, que era defensável.

Os Hispano-romanos viram-se assim obrigados a coexistir com os bárbaros que se foram instalando à sua volta sob a forma de *foedus* e sendo considerados como *foederatii*, povos federados. Os Suevos e os Vândalos Asdingos fixaram-se na Galaécia (actual Galiza), os Alanos na Lusitânia e Cartaginense Ocidental e os Vândalos Silingos na Bética. A paz não durou e, em 415, começaram as pilhagens às áreas romanizadas da Tarraconense e Cartaginense Oriental. É precisamente nesta altura que entram em cena os Visigodos. Instalados na Gália Narbonense, sul da actual França, vêm à Península em busca de trigo que escasseava nos seus territórios. Os Hispano-romanos chegam a um acordo com eles e lançam-nos contra os outros povos bárbaros na Bética e Lusitânia. Estas campanhas duram até 417, quando os Silingos são completamente eliminados. Após isso, parte dos Visigodos retira-se de novo para a Narbonense, havendo uma porção significativa que fica na Hispânia.

Nas décadas que se seguiram foram os Suevos os principais aliados dos Hispano-romanos na Península, que ajudaram a expulsar Alanos e Vândalos até que, a partir da segunda metade do Séc. V, se tornaram eles próprios insustentáveis. Tornou-se necessário recorrer de novo aos aliados visigodos e, entre 456 e 457, o rei Teodorico atravessa os Pirinéus em direcção à Galaécia e derrota os Suevos junto ao rio Orbigo, perto de Astorga. Não tendo desaparecido por completo, conservam a sua identidade, mas ficam submetidos à autoridade visigoda.

Em 463, Roma cai definitivamente e, com o fim do Império do Ocidente, os Hispano-romanos vêem-se de igual modo obrigados a reconhecer a hegemonia goda.

Está consumada a entrada definitiva dos Visigodos na Península que é catalisada pelo facto de, em 494, os Francos os terem obrigado a retirar da Gália.

Seguem-se depois mais de cem anos de confrontos com Suevos até ao seu desaparecimento.

Até ao fim do Reino dos Visigodos, estes nunca pararam de combater na Hispânia, que elegeram para sua pátria.

ESTRUTURA E HIERARQUIA

Na cultura visigótica da Hispânia há uma distinção social entre três classes: o camponês, o sacerdote e o guerreiro. Destas, a inferior é a dos agricultores, enquanto que os monges e os guerreiros se equivalem. No entanto, estes últimos têm como missão primária proteger os camponeses, visto precisarem deles para sobreviver.

Os Visigodos mantiveram a estrutura provincial romana, mas deram-lhe um nítido cunho germânico. O cargo mais elevado da hierarquia goda era o *Dux* (duque), que governava sobre uma província. As províncias visigodas coincidiam com as romanas. Seguiam-se-lhe os *Comites Civitatum*, governadores de cidades, também chamados de *Vicarii* se coincidiam com o bispo de uma diocese. Durante algum tempo, a partir de 460, coexistiram dois duces provinciais: o *Dux Rector*, governante civil, e o *Dux Exercitus Provinciae*, comandante militar. É no reinado de Chindasvinto, já no Séc. VII, que se reunificam de novo os cargos. Cada um destes governantes, ao seu nível (provincial ou regional), tinha ao seu redor um conjunto maior ou menor de "homens de armas", os Gardingos.

Interessa agora falar do rei visigodo. Este era, escolhido pelo seu valor guerreiro e, nada indicava que a sucessão tivesse de ser hereditária. No início do Reino Visigótico da Hispânia, o soberano era tido como o *Dux dos Duces*, uma espécie de *Primus Inter Pares*. Com o passar dos anos, e com a conversão dos Visigodos ao cristianismo, o rei começou a ser cada vez mais visto como próximo da divindade, o que favoreceu a hereditariedade. No entanto, em cerca de trezentos anos de domínio visigótico da Hispânia, só por duas vezes um filho sucedeu a seu pai como rei. Nos restantes casos houve um soberano eleito, ou o trono foi usurpado após conflitos internos.

O exército propriamente dito era "régio" e constituído pelo conjunto das forças provinciais ao dispor dos duques e do séquito militar do rei. A este núcleo régio permanente chamava-se *Gefolge*. Era uma gigantesca guarda pessoal na qual os guerreiros se encontravam unidos ao soberano por laços de fidelidade. Estes laços mais tarde vieram a dar origem às organizações medievais feudo-vassálicas. Podemos afirmar que foi em grande parte devido a esta instituição, com cariz de exército permanente, que os Visigodos lograram ocupar a Hispânia sem encontrar opositor capaz.

A *Gefolge* possuía uma hierarquia bem definida e uma espécie de Estado Maior com funções inspiradas na orgânica dos Bizantinos:

O cargo considerado mais importante, imediatamente a seguir ao rei, era o *Comes Stabuli*, comandante da Cavalaria e responsável pelo seu aprovisionamento. Mais tarde, na época medieval, este cargo originará o "Condestável".



O *Come Spathariorum* e o *Come Scartiorum* não tiveram uma origem bizantina como os demais e eram, respectivamente, o comandante da guarda pessoal do rei com espada e o responsável pelo aprovisionamento doméstico do palácio.

O *Come Noturiorum* presidia à chancelaria régia. O *Come Tesaurii* administrava o tesouro e o *Come Patrimonii*, criado com Leovigildo (578-586), era o administrador dos extensos territórios régios.

Inicialmente na *Gefolge*, e posteriormente em todo o exército, praticava-se o Juramento de Fidelidade. O guerreiro devia desse modo total lealdade e disponibilidade à *Gefolge*. Já foi aqui referido o estatuto de *Primus Inter Pares* do rei, pelo que a cada Juramento de Fidelidade, o soberano obriga-se a um juramento simétrico para com o seu subordinado.

Vale a pena falar no Código Visigótico, conjunto de leis que foi sendo aperfeiçoado ao longo dos séculos de domínio visigodo. Este código tinha como base a lei romana, mas com um forte cariz germânico no que tocava ao aspecto militar.

Com o evoluir da situação na Hispânia, onde grassavam os conflitos com povos autóctones, assisteu-se a uma progressiva militarização dos magistrados e não o oposto. A guerra torna-se, por seu turno, necessária de modo a manter ocupados governantes que, acima de tudo, são militares.

ORGANIZAÇÃO MILITAR

O exército visigótico tinha como unidade de base a *Tiufadia*, corpo de cerca de mil homens que era comandado por um *Tiufado*, também chamado *Milenário*. Cada *Tiufadia* estava dividida em dois *Quingentários* de cerca de 500 homens cada. O comandante de um *Quingentário* pode ser comparado a um comandante de Batalhão actual, pois cada *Quingentário* dividia-se em cinco *Centúrias*, cada uma comandada por um *Centenário* (as *Companhias*). As *Centúrias* dividiam-se ainda em esquadras de 10 homens, em que o mais veterano era o líder, o chamado *Decano*.

A força de defesa de uma região ou província raramente possuía mais de uma *Tiufadia*, e por vezes só algumas *Centúrias* em permanência. Crê-se que, em tempo de paz ou acalmia só a Cavalaria se mantinha, sendo o resto do contingente mobilizado em caso de necessidade.

Sabemos também que os Visigodos raramente se instalavam em fortificações permanentes, preferindo acampamentos temporários, erigindo paliçadas. Estes acantonamentos eram vigiados constantemente por pessoal de serviço para isso nomeado. Chamavam-se *esculcas* às rondas ou sentinelas nocturnas dos arraiais e *atalaias* às guardas diurnas.

OS COMBATENTES E AS ARMAS

É sabido que o exército visigodo tinha por Arma Principal a Cavalaria. Os cavaleiros visigodos eram

geralmente de origem nobre obtida por um de dois meios: hereditariedade ou valor em combate. Estes combatentes, a "nata" do exército, tinham a designação de *Gardingos* (do escandinavo *Gardigg*). Havia assim o *gardingato* de nascimento, por oposição ao *gardingato* de serviço. O *gardingato* era um título de nobreza, sinónimo de um guerreiro com competência para substituir um *Dux* ou um *Vicarius* na sua ausência.

Montavam à maneira germânica, sobre selas de lã grosseira e utilizavam estribos. A arma mais utilizada era o *frankisque*, espécie de machado de um só gume que servia tanto de arma de mão como de arremesso. Era comum um *Gardingo* transportar vários *frankisques* e ainda um *scramasaxe*, espécie de gládio¹ estreito de cerca de 50 cm de comprimento. Os *Gardingos* eram sepultados com um *frankisque* cruzado sobre as pernas, de modo a poderem defender-se dos inimigos do Além.

Resta referir que era desta classe de combatentes que emanavam os *Tiufados*, *Quingentários* e *Centenários*.

Da Infantaria Auxiliar Germânica, que corria agarrada às crinas dos cavalos, apoiando assim o cavaleiro no corpo a corpo, os Visigodos desenvolveram o *Bucelário*, antecessor dos escudeiros medievais. O *Bucelário* também montava a cavalo e era assim que se deslocava para o campo de batalha, mas desmontava, frequentemente, para combater. A designação de *Bucelário* significava que se tratava de um cliente de uma poderosa família goda, cuja obrigação principal era o serviço militar. Eram cidadãos livres. O termo terá origem no escandinavo *buklar* e daqui surge a palavra francesa *bouclier* (escudo). A arma geralmente utilizada por estes combatentes era a *cateia* ou *frãmea*, lança curta e delgada de ferro.

Tudo leva a crer que *Gardingos* e *Bucelários* combatiam em apoio mútuo e que não havia, no campo de batalha, corpos constituídos exclusivamente por estes combatentes. Possivelmente faziam parte de uma subunidade de comando dos *Tiufados* ou, num escalão mais abaixo, dos *Quingentários*. Actuavam independentemente, sim, em situações de perseguições, reconhecimento, pilhagens ou patrulhamento de vias.

Tanto os *Gardingos* como os *Bucelários* possuíam, como arma defensiva, um grande escudo de madeira, ovalado, terminando em bico na parte inferior.

O grosso, a massa do exército, era a Infantaria. Esta constituía a base das *Tiufadias*. Dividia-se em dois tipos principais de combatentes e é provável que nas *Centúrias* coexistissem ambos. Havia guerreiros mais ligeiros, que faziam uso de um arco curto, não possuíam escudo e eram utilizados para flagelar o inimigo combatendo em ordem dispersa e guerreiros mais pesados, usando *frankisques* ou *cateias*. Esta horda de guerreiros não possuía treino suficiente para efectuar manobras elaboradas, pelo que se mantinha o sistema de "carregar em massa" sobre um inimigo enfraquecido pela Infantaria Ligeira.



¹ *Gládio*: espada romana curta de dois gumes que foi, ela própria, desenvolvida a partir da espada gaulesa, ainda no tempo dos Etruscos.

A TÁCTICA

Aquando da primeira entrada na Hispânia, em 417 e anos seguintes, os Visigodos adoptaram a táctica que os Hispano-romanos idealizaram para eles: dependiam do *Comes Hispaniarum* e este era o comandante dos corpos militares romanos e visigodos confederados. Daqui que a designação deste exército seja a de *comitatenses*.

Os Visigodos, bastante mais ligeiros na Infantaria do que os Romanos e dotados de Cavalaria (que sempre foi uma lacuna romana desde o início dos tempos), formavam um conjunto muito mais flexível e móvel.

Este exército não estava destinado a actuar nas fronteiras, mas sim no interior, baseado na rapidez do seu deslocamento. Havia, portanto, a noção de "força de intervenção rápida". Em 416 este exército contava com cerca de dez mil combatentes, sendo a grande maioria visigoda.

Até 422 foram obtidos vários êxitos contra os Vândalos Silingos da Bética, acabando estes por ser eliminados.

A partir desta data, o *Comes Hispaniarum* perde importância e os hispano-romanos optam por formar forças de defesa provinciais comandadas pelos *duces*⁴ provinciais. Estas milícias são compostas muitas vezes por guerreiros visigodos que defendem os cidadãos de Vândalos e Suevos. Actuam e patrulham as principais vias e chegam até a cultivar algumas terras nas imediações.

Com a ocupação definitiva dos Visigodos, após a segunda vaga, os guerreiros passam a possuir vastos territórios e propriedades e têm o hábito de circular entre elas para aí consumirem os bens produzidos. Quando as reservas de uma propriedade se esgotam, deslocam-se para outra. As forças de defesa de uma região, dependentes do *Dux*, possuem os seus comandantes, que são por sua vez proprietários. Uma vez que o sistema utilizado é manter a força de defesa de uma área em movimento constante dentro dessa área, não há necessidade, nem condições, para edificar fortificações permanentes, sendo preferíveis os acampamentos temporários. É esta a razão principal pela qual não temos vestígios significativos de arquitectura militar visigoda.

A INVASÃO MUÇULMANA

O último rei visigodo foi Vitiza, que morreu em 710 e originou a divisão dos nobres no que respeita à escolha de um sucessor. Uma parte escolheu Rodrigo, *Dux* da Bética. A outra facção apoiava Áquila, *Dux* da Tarraconense, e recorreu à intervenção dos muçulmanos da África do Norte. Foi deste modo que o váli de Marrocos, Muça ben Nusayr, enviou uma expedição chefiada por Tariq ben Ziyad. Depois do desembarque em Algeciras, os Muçulmanos derrotaram os Visigodos do rei Rodrigo na Batalha de Guadalete. O remanescente do exército visigodo foi destruído em Ecija. Após isto, várias cidades como Toledo, capital visigoda, renderam-se sem combate. Tariq ben Ziyad

fez então um pacto com Áquila e outros nobres que colaboraram com os invasores, permitindo-lhes usufruir de uma parte do fisco imposto nos territórios da Hispânia, mas, no entanto, negando a coroa.

O ano de 712 foi marcado pela vinda à Península do próprio váli Muça ben Nusayr, que dirigiu duas campanhas militares: na primeira conquistou Medina, Sidónia e Sevilha e chegou a cercar Mérida, que resistiu durante vários meses. Aproveitando este facto, alguns Visigodos de Niebla e Beja reocuparam Sevilha, com a ajuda dos que tinham ficado na cidade, mas a revolta foi rapidamente esmagada pelo próprio filho do váli que, ao mesmo tempo, ocupou Huelva, Ossónoba (Faro) e Beja, já em 713. A segunda campanha de Muça foi desenvolvida em conjunto com Tariq e deu-se a ocupação de Saragoça, Burgos, Leão, Astorga, Lugo e talvez Viseu. Um pouco mais tarde caíram Évora, Santarém e Coimbra. Em 716 foi completada a conquista da Península com a Catalunha.

CONCLUSÕES

A Era Visigótica da Hispânia durou cerca de três séculos e pautou-se por uma quase constante situação de guerra, quer contra Romanos, antiga potência dominante, quer contra outros povos bárbaros. Desaparecidas estas ameaças, as campanhas eram movidas contra os povos autóctones insubmissos, nomeadamente Ástures, Vasconços e Ruccones. Só entre 610 e 673 há registos de cinco campanhas movidas contra estes povos do norte da Hispânia. Não há dúvidas de que só uma sociedade organizada com base no exército poderia sustentar uma tão permanente actividade militar.

Analisando os séculos de domínio visigótico na Península, podemos chegar a um conjunto de afirmações importantes que bem podem resumir o evoluir da situação e as razões que a isso levaram. Há, neste caso, que observar três pontos de vista distintos:

Em primeiro lugar, atentaremos às condições que permitiram a ocupação da Península pelos Visigodos;

Em segundo, vamos concluir sobre a presença deste povo nesta área geográfica da Europa, seus reflexos na vida de então e repercussões até aos dias de hoje;

Por último, consideremos a rápida queda do mundo visigótico e as razões que a provocaram.

Quanto ao primeiro ponto, podemos acreditar que o factor fundamental e suficiente para provocar o colapso da frágil estrutura romana foi a organização militar goda, baseada essencialmente na *Gefolge*. No Séc. V os Visigodos possuíam o poder efectivo, com homens de armas, que faziam da guerra o seu *modus vivendi*. Os Romanos, por seu turno, viam-se obrigados a contratar mercenários e a recorrer a aliados, o que, definitivamente, apresenta bastantes problemas.

De salientar ainda que os Visigodos foram atraídos à Hispânia pelo processo mais comum em toda a História no que respeita a "invasões" e "ocupações": vieram, inicialmente, porque a sua presença foi solicitada por uma das partes em conflito na área, neste

⁴ *Duces*: plural de *dux*, palavra que deu origem ao título de nobreza de duque.

caso, os Hispano-romanos, que deles necessitavam para conter o ímpeto dos outros bárbaros que se fixaram na Península.

O segundo aspecto a analisar diz respeito à presença visigótica. É certo que este povo foi o mais romanizado dos germânicos e que o que nos ficou da sua cultura se perde, se mistura com o que é romano e se deixa também sobrepor pela cultura medieval que se lhe seguiu. No entanto, o período visigótico é o precursor das instituições medievais peninsulares que, como é sabido, diferiram em alguns aspectos das do resto da Europa. O sistema feudal, com a terra do suserano, tendo por vassalo o povo, típico da Europa medieval, não foi muito comum no Portugal e nos reinos medievais da Espanha. Era mais comum ser dada uma certa autonomia ao povo através de forais concedidos pela realeza. Talvez este seja também um reflexo do "feudalismo" visigótico, em que não há vassalagem propriamente dita, mas antes uma relação de obrigações mútuas muito nítidas, do senhor para com os subordinados e vice-versa.

Debruçando-nos, por fim, na rapidez com que os Muçulmanos conquistaram o Império Visigótico, fica revelada a sua espantosa fragilidade. Na realidade assistiu-se a uma completa descoordenação da autoridade visigoda.

A dificuldade de comunicações fez-se sentir muito nitidamente, uma vez que as forças de defesa locais se encontravam restritas aos aglomerados principais e que os respectivos *duces* actuavam sem conhecimento mútuo. Este facto estava relacionado com a relativa independência que estes senhores gozavam em relação ao rei de Toledo e que contribuía também para os separar uns dos outros.

Ficou também demonstrado que, uma vez vencido o exército régio (a *Gefolge*), a capacidade militar dos Visigodos ficou bastante reduzida.

É possível, finalmente, afirmar que foram os aspectos característicos dos Visigodos que tiveram o duplo papel de os levar à posição de senhores da Hispânia e, do mesmo modo, os levar a cair em desgraça, trezentos anos mais tarde, aquando da invasão de Tariq.

CARLOS FILIPE N. L. D. AFONSO
TEN INF^o

BIBLIOGRAFIA

- HERCULANO, Alexandre, *O Monasticon, Tomo I, Eurico o presbítero*, Amadora, Livraria Bertrand, 1972;
MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, vol. I, 7ª Edição, Palas Editores, 1978;
MATTOSO, José, *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992;
No Tempo das Grandes Invasões, História do Mundo, De 192 a 731, Lisboa, Selecções do Readers Digest;
PERES, Damião, *História de Portugal*, vol. I, Barcelos, Portucalense Editora, 1928;

Programa de Avaliação de Instrução sobre Operações de Apoio à Paz

1. CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

No último artigo vimos de uma forma sistemática os tipos de missões de operações de apoio à paz e que se relembram:

- segurança de:
 - . um sector
 - . uma área urbana;
 - . itinerários;
 - . instalações fundamentais;
- controlo de fronteiras;
- separação de beligerantes;
- estabelecimento de postos de controlo;
- escolta a colunas.

Vamos agora, caracterizar estas missões no sentido de as clarificar e definir.

a. Segurança de um sector

Esta missão é uma das mais comuns e é dada normalmente a uma força (Companhia/batalhão), quando lhe é atribuída uma área de responsabilidade, caracteriza-se por:

- proteger o pessoal e o material;
- manter patrulhas de segurança permanentes;
- estabelecer posições a utilizar em situações de confronto;
- controlar movimentos, entradas e saídas no sector;
- prevenir acidentes entre os elementos da força;
- impedir a actividade dos beligerantes que possa provocar a perda de vidas e a distribuição de bens críticos.

b. Segurança de uma área urbana

Dentro de um área de responsabilidade, normalmente existem áreas urbanas, pelo que ao atribuir-se um sector se deve ter em atenção as dimensões das áreas e população, face aos efectivos e meios da força para a realização desta missão.

É uma missão muito sensível, já que põe em contacto frequente população (de várias facções) e forças militares, caracteriza-se por:

- proteger o pessoal material e instalações fundamentais;
- controlar movimentos, entradas e saídas da área;
- apreender artigos proibidos e controlados;
- empregar e melhorar medidas de segurança activas e passivas;
- atender as solicitações das autoridades locais da nação hospedeira;
- minimizar danos colaterais.

c. Segurança de itinerários

É uma missão que poderá ser dada a uma força durante um determinado período, para garantir a liberdade de acção das outras for-

ças e prevenir acções dos beligerantes num determinado itinerário; neste quadro a missão caracteriza-se por:

- impedir a surpresa pelos beligerantes;
- aplicar medidas de segurança que não sejam impeditivas ao escoamento do tráfego de rotina;
- limitar os acidentes que provoquem baixas entre os elementos da força;
- prevenir baixas em viaturas;
- impedir que o fogo das nossas armas provoquem baixas em elementos não combatentes.

d. Segurança de instalações fundamentais

Dentro de uma área de responsabilidade é normal existir instalações que não só apoiam as populações como também podem apoiar as forças multinacionais (exemplo: centrais eléctricas, telefónicas, e depósitos de água, aeroportos, igrejas, etc), surge então a necessidade de as proteger com uma força que garanta a sua segurança por forma a:

- impedir que o funcionamento das instalações fundamentais seja condicionado pela actividade das facções beligerantes;
- adoptar medidas de segurança que não impeçam o funcionamento das instalações;



- limitar a entrada no perímetro, por civis que não trabalhem nas instalações;
- impedir incidentes que provoquem baixas entre os elementos da força;
- minimizar danos colaterais.

e. Controlo de fronteiras

A comunidade internacional, quando intervém para parar um conflito entre países beligerantes, impõe normas, e controlar uma fronteira é uma delas, assim, dá a missão a uma força (Companhia/Batalhão) com a finalidade de:

- controlar todos os pontos de passagem;
- evitar violações das fronteiras pelas acções militares;
- controlar o movimento de civis;
- impossibilitar as actividades de contrabando;
- impedir que o fogo das nossas armas provoquem baixas em elementos não combatentes.

f. Separação de beligerantes

É uma missão dada a uma força para conter forças beligerantes (que poderão ser do mesmo país, mas de etnias/facções diferentes), normalmente as organizações internacionais que lideram estas acções marcam linhas para delimitar os conflitos com base em fronteiras, limites de regiões, limites étnicos ou ainda com base na frente das forças militares beligerantes, e caracteriza-se por:

- conhecer as regiões que ocasionam as divisões das facções;
- conter beligerantes dentro das linhas geográficas estabelecidas;
- impedir que as facções empreguem forças militares;

- definir ou estabelecer áreas protegidas;
- negociar ou impor zonas neutras.

g. Estabelecimento de postos de controlo

Embora este tipo de missão se possa confundir com as tarefas colectivas "montar e ou operar um posto de controlo", é bem diferente porque enquanto as tarefas são o "modus operandi", o estabelecimento de postos de controlo é uma acção dada a uma força (Companhia ou Batalhão) que tem de garantir num determinado período e local a segurança e liberdade de acção das forças multinacionais e visa:

- impedir a passagem de elementos não autorizados;
- apreender artigos proibidos ou controlados;
- revistar, como determinado, pessoas e viaturas;
- manter, em permanência, a segurança dos postos de controlo;
- não permitir, por acção de militares das facções ou facções ou outros, violações.

h. Escolta a colunas

Esta é outra missão que também por vezes se confunde com as tarefas colectivas "assumir o controlo de uma coluna", ou "garantir a segurança de uma coluna", esta missão pode ser dada a uma força (Companhia/Batalhão), reveste-se de uma importância vital, quer para as forças em presença quer para as partes em conflito, face a necessidade de abastecimentos, segurança das pessoas e bens e apoio em transportes; caracteriza-se por:

- manter segurança permanente;
- informar todo o pessoal sobre a acção;

- manter permanentemente ligação com o escalão superior;
- impedir a subdivisão de coluna, desde o ponto inicial até ao ponto de irradiação;
- prevenir acidentes e a perda de abastecimentos ou pessoas durante o movimento;
- fazer chegar todas as viaturas ao destino.

2. TAREFAS COLECTIVAS

As missões enunciadas e caracterizadas agrupam um conjunto de tarefas colectivas, que constituem os objectivos de habilitação a avaliar através das proficiências (objectivos de aprendizagem) que cada um deles implica.

Neste programa estão detalhadas quarenta e sete tarefas colectivas correspondendo, a cada uma delas, uma ficha de avaliação sendo algumas comuns a mais de uma missão, apresenta-se em anexo o **quadro I- matriz das missões e fichas de avaliação**; caso os leitores pretendam saber o conteúdo destas fichas, informa-se que todas as unidades, receberam um volume do Programa de Avaliação de Instrução sobre Operações de Apoio à Paz.

3. CONCLUSÃO

O trabalho apresentado, deve por principio ser "dinâmico" isto é ser actualizado e melhorado, pelo que se espera dos leitores todos os contributos, por forma a serem estudados e se pertinentes introduzidos no trabalho, para assim se contribuir para uma melhor preparação dos quadros e tropas do exército.

Caso o leitor queira corresponder-se a direcção é a seguinte:

Direcção CITOAP

CENTRO DE INSTRUÇÃO E TREINO DE OPERAÇÕES
DE APOIO À PAZ
CAMPO MILITAR DE SANTA MARGARIDA
2250-999 SANTA MARGARIDA

Telefone: 2499730614

Fax: 2499730620 ou 461475

E-Mail

CITOAP-CMSM@.clix.pt



ANEXO A – QUADRO I: (MATRIZ DAS MISSÕES DAS OPERAÇÕES DE APOIO À PAZ E DAS TAREFAS COLECTIVAS) ao Programa de Avaliação da Instrução de Operações de Apoio à Paz.

Fichas de Avaliação	TAREFAS	MISSÕES							
		Segurança de um Sector	Separação de Beligerantes	Segurança de Instalações Fundamentais	Segurança de uma Área Urbana	Controlo de Fronteiras	Segurança de Itinerários	Escota a Colunas	Estabelecimento de Postos de Controlo
QAP-01	Reagir a emboscadas				X	X	X	X	
QAP-02	Desarmar beligerantes		X			X			
QAP-03	Efectuar uma acção de interdição		X		X	X			
QAP-04	Reagir a ameaça de bomba	X		X	X				X
QAP-05	Revistar um edifício			X	X				
QAP-06	Processar documentos e material apreendido		X		X				
QAP-07	Lidar com desordeiros ou beligerantes capturados		X		X		X		X
QAP-08	Montar um posto de controlo	X	X	X		X	X		X
QAP-09	Operar um posto de controlo	X	X	X		X	X		X
QAP-10	Negociar a passagem num posto de controlo beligerante							X	
QAP-11	Actuar perante disturbios civis	X	X	X	X				
QAP-12	Avaliar as infra-estruturas civis	X							
QAP-13	Controlar movimentos de civis	X				X	X		
QAP-14	Desenvolver a acção de comando	X	X	X	X	X	X	X	X
QAP-15	Garantir a segurança a uma coluna							X	
QAP-16	Efectuar um cerco e busca			X	X				
QAP-17	Efectuar uma demonstração de força		X		X	X			
QAP-18	Processar delictos		X	X	X	X			X
QAP-19	Controlar o tráfego de civis deslocados					X	X		X
QAP-20	Movimentar civis deslocados					X		X	
QAP-21	Proteger a força	X							
QAP-22	Obter e difundir informação	X	X	X	X	X	X	X	X
QAP-23	Estabelecer a ligação com entidades locais	X	X	X	X	X	X	X	X
QAP-24	Assumir o controlo de uma coluna							X	
QAP-25	Estabelecer relações com os órgãos de comunicação social	X	X	X	X	X			
QAP-26	Desempanar elou recuperar viaturas					X		X	
QAP-27	Prestar apoio sanitário a não combatentes		X		X				
QAP-28	Reagir a fogos indirectos	X							
QAP-29	Impor restrições aos movimentos		X			X			X
QAP-30	Deter pessoal não combatente		X	X		X			X
QAP-31	Proteger não combatentes e instalações			X	X				
QAP-32	Limpar campos de minas e engenhos explosivos			X	X	X			
QAP-33	Montar um posto de observação		X	X		X	X		X
QAP-34	Montar uma base de operações			X					
QAP-35	Conduzir patrulhas		X	X		X	X		X
QAP-36	Actuar perante jornalistas	X	X	X	X	X	X	X	X
QAP-37	Reconhecer itinerário	X					X	X	
QAP-38	Executar um plano de reconhecimento e vigilância	X	X	X	X	X	X		
QAP-39	Impedir o contrabando					X			X
QAP-40	Actuar perante atiradores especiais ("sniper")	X		X	X		X	X	X
QAP-41	Entregar abastecimentos							X	
QAP-42	Desenvolver operações psicológicas		X		X	X			
QAP-43	Assegurar a defesa antiaérea	X		X		X			
QAP-44	Apoiar a troca de prisioneiros		X			X			X
QAP-45	Negociar		X			X		X	
QAP-46	Supervisionar acções de desminagem	X				X			
QAP-47	Negociar o estabelecimento de um ponto de passagem					X	X	X	

Simulador de Tiro «Infront»

O «INFRONT» é um sistema de simulação de tiro concebido para o treino técnico dos observadores avançados e que pode integrar, no seu funcionamento, os módulos de um Posto Central de Tiro (PCT) e ainda um sistema automático de transmissão de dados.

Este sistema é constituído por um computador central de processamento de dados que simula os cálculos dos elementos de tiro elaborados no PCT, dois computadores geradores de imagem associados a dois sistemas de projecção e um computador para trabalhar a simulação de um telémetro laser (LRF). Fazem ainda parte do sistema doze computadores portáteis ligados em rede e distribuídos pelas mesas de trabalho dos observadores, um conjunto de binóculos estadiados e dimensionados para a distância de observação à tela, um conjunto de cartas e outros materiais de apoio, um sistema de comunicação entre o instrutor e os observadores e um simulador de som para criar um ambiente idêntico ao de uma frente de combate.

A finalidade principal deste sistema é instruir e treinar os observadores das unidades de apoio de fogos (Artilharia e Morteiros) podendo, no entanto, ainda ser utilizado para proporcionar às unidades de manobra um conhecimento genérico do funcionamento do apoio de fogos. No que respeita aos observadores, este sistema de simulação, permite facultar-lhes formação relativa aos pedidos e observação (regulações e eficácias) do tiro, simular diferentes tipos de objectivos (carros de combate, obuses, viaturas, tropas apeadas, etc) sob diversas condições de visibilidade (dia, noite e nevoeiro), utilizar na simulação diversos tipos de combinação granada/espoleta em função dos objectivos (HE/P, HE/T, HE/VT, WP E HC) e lançamento de campos de minas (anti-carro e anti-



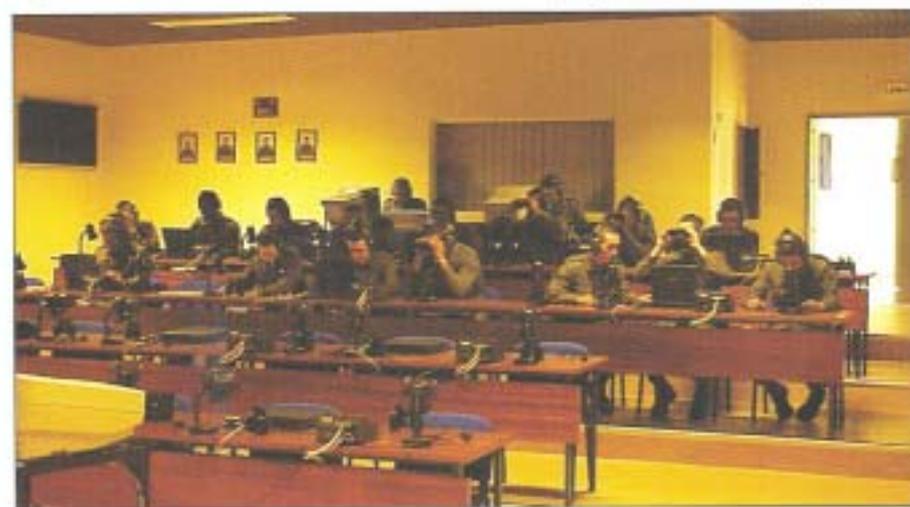
Artilharia de Campanha veio potenciar a formação dos observadores avançados das unidades de apoio de fogos, permitindo um treino mais aprofundado e repetitivo ao nível técnico e

táctico a custos reduzidos, devendo contudo ser tomado em consideração que o sistema é de simulação e que o tiro real continua a ser necessário e imprescindível na formação e treino do pessoal. O sistema, de fabrico inglês, foi fornecido ao Exército Português com cenários da Grã-Bretanha, tendo sido já instalados os cenários dos polígonos de tiro do Campo Militar de Santa Margarida e de Vendas Novas, possibilitando assim aos observadores a associação carta-terreno em vistas e terrenos conhecidos.

Todo este sistema de simulação funciona de uma forma integrada e no seu conjunto constitui um importante meio de treino de todos

os elementos de fogos indirectos, permitindo uma grande semelhança com a realidade vivida pelo observador avançado no campo de batalha e onde é possível pôr em prática os procedimentos de observação avançada. O simulador de tiro «INFRONT», existente no Grupo de

indispensáveis conhecimentos técnicos para executarem os seus programas de treino.



Alf Art Luís Roberto

Semana do Ambiente 2001 no CMSM/BMI

A Semana do Ambiente do CMSM / BMI decorreu de 2 a 4 de Maio de 2001, no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), nas instalações do Quartel da Artilharia. Este tipo de actividade tem vindo a ser realizado com regularidade desde 1996. O Prémio do Ambiente e Defesa Nacional, atribuído ao CMSM em 1996 e em 1998, patenteiam o reconhecimento público do trabalho desenvolvido nos últimos anos, em prol do Ambiente.

Os grandes objectivos da Semana do Ambiente são sensibilizar todos os militares do CMSM, civis e alunos de algumas escolas da região para as questões ambientais e divulgar as actividades de Conservação e Protecção Ambiental desenvolvidas no CMSM.

O evento iniciou-se no dia 2 de Maio com o discurso de abertura da semana do ambiente proferido pelo Exmo Major General Jorge Silvério, comandante do CMSM/BMI.

Sua Excelência o Ministro da Defesa Nacional, Dr Júlio Castro Caldas, presente na sessão inaugural, proferiu um discurso alusivo à efeméride de que se transcreve alguns excertos:

(...) O Ministério da Defesa Nacional particularmente empenhado na contínua definição e implementação da política da Defesa Nacional e que através dos seus vários instrumentos e, em especial, com as Forças Armadas, visa a garantia e o reforço da soberania do país, tem por razões de vária ordem, importantes responsabilidades no domínio da preservação do meio ambiente.

(...) Actuando de uma forma responsável em relação ao ambien-

te, as Forças Armadas exercerão uma influência positiva no resto da sociedade, levando-a a comportar-se da mesma maneira.

(...) Por outro lado, com a passagem pelas fileiras de grande número de jovens, poderão, através da educação e treino ambiental, exercer um papel decisivo na formação da consciência ambiental dos cidadãos.

(...) É com satisfação que verificamos a crescente adesão dos Ramos a esta iniciativa, verificando-se assim a crescente preocupação de todos nas questões ambientais.

Pela importância que o Governo atribui a estes eventos quero, através dos seus comandantes, felicitar o Exército e o Campo Militar de Santa Margarida, por esta importante iniciativa da Semana do Ambiente 2001.

Os objectivos estabelecidos para esta semana que hoje começa, são demonstração de empenho e saber dos militares e civis que servem neste Campo Militar, numa clara sintonia com a revolução de mentalidades e de atitude ambiental que se pretende operar no seio das Forças Armadas.

De seguida, o Exmo Director da DGIE/MDN, Dr Cunha Rego, procedeu ao lançamento da mini-série sobre Ambiente do MDN, constituída por um conjunto de 6 vídeos, destinados a serem utilizados na instrução dos militares e versando os seguintes temas:



- Episódio 1: "A vida na Terra"
- Episódio 2: "A água"
- Episódio 3: "Cobertura vegetal"
- Episódio 4: "Navios"
- Episódio 5: "Ruído e poluição aérea"
- Episódio 6: "O solo"

Foi visionado o episódio nº 3, "Cobertura vegetal", cujas filmagens decorreram, na sua maioria, na área do Campo Militar de Santa Margarida.

(Vista parcial do auditório do GAC/BMI)

Após esta cerimónia, sua Excelência o MDN foi inaugurar a Exposição da Semana do Ambiente 2001, constituída por 20 expositores resultantes da participação de todas as unidades do CMSM/BMI e da Sec Agro Florestal.

O Instituto Geográfico do Exército (IGEOE), unidade do Exército certificada na Área do Ambiente e Qualidade, contribuiu também com 4 expositores. No sentido de fomentar as boas relações com as autarquias locais, solicitou-se a participação da Câmara Municipal de Constância com uma Exposição sobre os Percursos Pedestres e as Aves do Concelho de Constância.

As visitas de escolas do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundárias foram precedidas de um briefing da 3ª Sec / BMI no Auditório do Quartel General, onde era divulgada a organização das Unidades do CMSM e BMI e dado especial relevo às acções da área da Protecção Ambiental. O programa para as escolas incluía a visita à Exposição da Semana do Ambiente, à ETAR e às Pateiras (Agro-Florestal).



(Vista parcial da exposição da Agro-Florestal)

Na área da Agro-Florestal, nas Pateiras, foi feita uma mostra de dezenas de animais existentes no Campo Militar e foram montados painéis com informação técnica sobre as espécies representadas.



Nos dias 2 e 3, graças à colaboração de técnicos do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, foram capturadas, identificadas, anilhadas e posteriormente libertadas 33 aves na área do Campo Militar. Neste quantitativo, foram referenciadas 13 espécies diferentes (39 % do total, percentagem considerada muito positiva em termos de variedade das espécies).

Na tarde do dia 2 de Maio, iniciou-se o 1º Ciclo de Palestras, de acordo com o programa. O Campo Militar pode orgulhar-se de ter dinamizado um evento onde se reuniram, **pela 1ª vez nas Forças Armadas e Militarizadas**, alguns representantes do ambiente, ao mais alto nível do MDN, Estado Maior da Armada, Força Aérea, Exército e GNR que divulgaram as actividades já desenvolvidas e os grandes projectos para o futuro. Este foi, sem dúvida, um grande passo no sentido de fomentar a troca de experiências entre os ramos.

Do conjunto de palestras apresentados por militares, subordinadas ao tema "*Militares, militarizados e Ambiente no dealbar do Séc. XXI*" salientamos:

MDN

Dra Isabel Leitão (Chefe da DEA/DGIE/MDN) Discursou sobre doutrina ambiental, referindo *o novo modelo de estrutura orgânica de responsabilidades e competências no âmbito da protecção ambiental nos Ramos das Forças Armadas* in Despacho nº 77 / MDN / 2001 de 18 Abril.



(2/5/01 - 1ª Sessão de Palestras - Cmtd Reis Fernandes do EM Armada, 2º Cmtd CMSM Cor Cav Capão, Ten-Cor Art Estrela Soares do IGEOE)

MARINHA

Cap de Fragata EMQ Réis Fernandes, do EM Armada

- Desenvolver a doutrina de Protecção Ambiental, na sequência da promulgação da directiva de Protecção Ambiental (PA) do MDN;
- Desenvolver a correspondente organização para a protecção ambiental através da implementação de Sistemas de Gestão Ambiental em algumas Unidades/Orgãos;
- Sensibilizar/consciencializar, Formar e Treinar ambientalmente;
- Cumprir o preceituado na convenção MARPOL 73/78, apesar de não ser abrangida pela mesma;
- Promover o grande objectivo do Navio Ambientalmente Limpo (ESS21);
- Consciencializar os preceitos de Protecção Ambiental (doutrinar, organizar, formar e executar), que pressupõem o correspondente apoio financeiro;
- Desenvolver uma maior eficácia na Protecção Ambiental Marítima através da aquisição de novos meios navais.

INSTITUTO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO

Ten Cor Art Estrela Soares e Dr Mateus do Gab Ambiente e Qualidade

- Produzir informação geográfica com QUALIDADE, preservando o AMBIENTE, o que constitui, actualmente, um dos objectivos preconizados pelo Instituto Geográfico do Exército, em prol de uma sociedade cada vez mais moderna e sã.
- Implementar e manter um Sistema de Gestão Ambiental, segundo a norma NP EN ISO 14001:1999, no IGEOE (desde 1999).

FORÇA AÉREA

Ten Cor Eng Elect Ramiro Matos, do EM Força Aérea

As grandes linhas orientadoras desta intervenção basearam-se em alguns considerandos sobre as preocupações ambientais e os custos das soluções "a posteriori" em relação à prevenção da poluição.

Cap Garrido, do Centro de For-

mação Técnica da Força Aérea (CFMTEA).

- Leccionar a disciplina de Ambiente (24H) a todos os cursos do Quadro Permanente e aos cursos de Promoção e Cursos de Praças (foram já dados 20 Cursos num total de 2.052 Alunos e 82.000 Horas de Formação!).

Na opinião deste orador, *o ambiente deve ser encarado como uma herança a que os nossos filhos têm direito próprio; se não lhes legarmos esse património, eles nunca nos irão perdoar.*

Além disso, a Defesa do Ambiente deve ser vista tal *como a Defesa da Nação, pelo que os militares devem avançar em primeiro lugar.* Para conseguir esse objectivo foram apontados os seguintes caminhos a seguir: *Educação, Conhecimento, Consciencialização e Amor Ambiental.*

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Cap Inf Juvenal Barata, da Escola Prática da GNR

- Divulgar o novo serviço que a GNR vai prestar às populações.

O serviço de protecção da natureza e do ambiente foi criado por despacho do Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, de 15Jan01.

A estrutura deste serviço (distribuída a nível nacional, regional e distrital) envolve a participação de 5 Oficiais, 28 Sargentos e 373 soldados, num total de 406 elementos.

A missão geral do **Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente** é zelar pelo cumprimento das disposições legais e regulamentares referentes à protecção e conservação da natureza e do meio ambiente, dos recursos hídricos, assim como da riqueza cinegética, piscícola, florestal e de qualquer outra índole relacionada com a natureza e ambiente, mediante o desenvolvimento das seguintes actividades:

- Colaborar com as autoridades e organismos correspondentes para planificar e executar uma política eficaz nesta matéria;



- Promover condutas de respeito pela natureza;
- Proteger o meio ambiente natural, impedindo actividades que possam degradá-lo;
- Realizar acções tendentes a favorecer o normal desenvolvimento da fauna e da flora (continentais e marítimas) e particularmente o das espécies protegidas, sem esquecer as espécies vivas existentes;
- Aproveitar correctamente os recursos florestais, cinegéticos e piscícolas;
- Colaborar na prevenção de incêndios florestais;
- Verificar o estado de conservação dos recursos hídricos (continentais e marítimos), geológicos e florestais, impedindo qualquer tipo de contaminação, agressão ou aproveitamento abusivo;
- Proteger o meio ambiente, vigiando o seu grau de contaminação;
- Proteger e conservar o património histórico e natural;
- Colaborar na aplicação das disposições legais referentes ao ordenamento do território;
- Velar pela observância das disposições legais relativas às leis sanitárias;
- Desenvolver, subsidiariamente, todas as restantes tarefas que respeitem à missão geral da Guarda.

Na manhã do dia 3, iniciou-se o 2º Ciclo de Palestras, de acordo com o seguinte programa:

INSTITUTO DE PROMOÇÃO AMBIENTAL

Engª Gabriela Borrego, Presidente do IPAMB

"Os projectos ambientais, o clima e o ambiente"

Foi abordado o tema das alterações climáticas, da situação actual dos americanos relativamente às emissões de dióxido de carbono, que não estão a cumprir o acordo de Quioto. Foi referida a necessidade imperativa de todos os cidadãos participarem na poupança energética (combustíveis fósseis) e de água e focados alguns aspectos sobre educação ambiental.

ONG - ASSOCIAÇÃO AFURNA E AP-PENEDA-GERÊS

Prof Doutor Manuel Antunes - Professor da Universidade Lusófona e Presidente das Associações AP-Gerês e Afurna

"Do crescimento económico ao desenvolvimento humano"

Após uma breve retrospectiva histórica, foram focados os seguintes itens:

- A antinomia do Desenvolvimento / subdesenvolvimento
- Para um desenvolvimento sustentável
- A medida do desenvolvimento
- O índice do desenvolvimento humano
- O caso de Vilarinho da Furna.

Esta palestra teve a particularidade de alertar para um aspecto fundamental:

- não haverá futuro possível para a humanidade sem desenvolvimento sustentável!



(315101 - 2ª Sessão de Palestras - Major General Silvério, Prof Doutor Jorge Paiva e Prof Doutor Manuel Antunes)

INSTITUTO BOTÂNICO DE COIMBRA

Prof Doutor Jorge Paiva do Instituto Botânico de Coimbra

"Promover a Biodiversidade"

Foram-nos transmitidas, com entusiasmo e rigor científico, as grandes preocupações sobre a conservação e preservação da Biodiversidade, recorrendo a casos práticos documentados quer da Fauna quer da Flora, com especial incidência sobre substâncias medicinais valiosas que são extraídas das mais diversas plantas e a valorização dos ecossistemas imprescindíveis à continuidade da humanidade.



(Vista parcial do auditório durante a Palestra do Prof Doutor Jorge Paiva sobre a Biodiversidade)

E PARA TERMINAR...

A preocupação ambiental no seio das Forças Armadas foi, recentemente, reforçada com a publicação do Despacho nº 77/MDN/2001, de 18 Abril, que define uma nova estrutura do Ambiente nas Forças Armadas, alterando, de uma forma extremamente positiva, a anterior legislação interna dos ramos (no caso concreto do Exército, altera o célebre anexo G ao Plano de Instrução Charlie 2 que teve o mérito de ser a "bíblia" do Ambiente, desde 1994 até muito recentemente, e que teve os seus dias de glória entre 94 e 99). O documento aprovado por sua Excelência o Ministro da Defesa Nacional, entre outras alterações, cria o Gabinete do Ambiente / Oficial Gestor do Ambiente, em substituição do anterior Núcleo de Coordenação e Protecção Ambiental (constituído pelo EM Coordenador do QG) ao nível dos quartéis gerais dos comandos territoriais. Compete-nos, no entanto, realçar que o Cmdt da CMSM/BMI, face à dimensão do campo militar, já anteriormente, desde finais de 1999, tinha ordenado a nomeação de um Oficial Superior para a área do Ambiente.

Conscientes de que falar Ambiente é falar plural, esperamos que esta Semana do Ambiente tenha contribuído para uma visão mais objectiva e concreta do muito que há para fazer. Trata-se de uma missão especialmente difícil e delicada, onde a solidariedade e o intercâmbio entre todos é primordial.

É dever fundamental do Militar defender a Pátria; compete-nos, pois, continuar a dar mais um exemplo, defendendo também uma Pátria do tamanho do Mundo!



Major SGE José F. Esteves Fernandes
NCPAmbn do CMSM / BMI

SITREP

VISITA DE S.EX.^a O CEME FRANCÊS AO CSM



Em 06Mar01, o Campo Militar de Santa Margarida recebeu a visita de Sua Excelência o General Chefe de Estado Maior do Exército de França, Gen. CRÊNE, e respectiva comitiva.

Do programa de visita constaram a prestação de honras regulamentares, apresentação de cumprimentos pelos Comandantes de Unidades e Chefes dos Órgãos do CSM/BMI, um briefing seguido de troca de impressões, uma visita ao Campo Militar e um almoço de convívio.

DESPEDIDA DO CEME



Em 12 de Março 01 o Exmo CEME, general Martins Barrento, deslocou-se pela última vez, nas suas actuais funções ao CSM. Prestadas as honras regulamentares à chegada, realizou-se, uma cerimónia de despedida na biblioteca, um almoço de convívio volante, tendo terminado esta visita com a assinatura do livro de honra do CSM.

VISITA DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA DEFESA NACIONAL DR. MIRANDA CALHA

Em 22 de Março de 2001 o Exmo Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Miranda Calha visitou o Campo Militar de Santa Margarida. Do programa da visita constaram a



prestação de honras regulamentares, apresentação de cumprimentos na Biblioteca do QG com a presença dos Comandantes de Unidades e Chefes dos Órgãos do CSM/BMI, apresentação de um briefing pelo Comandante da BMI, observação de uma sessão de fogos reais de artilharia, a partir de observatório terrestre (D. Pedro) e de meio aéreo (ALIII), visita a instalações e um almoço.

VISITA DE UMA DELEGAÇÃO DO ISSMI-IT

Em 29 de Março, visitou o CMSM uma delegação de 45 oficiais do Instituto Superior do Estado Maior Italiano-Inter Forças. Do programa fez parte, um Briefing no auditório do Quartel General, uma visita ao simulador INFRONT do GAC, visita ao RC4 e um almoço de convívio na messe de oficiais do GAC.

DIA DO CMSM E DA BMI



O programa das comemorações do XXIII aniversário da BMI e dia do CMSM iniciou-se no dia 03 de Abril com a realização da tradicional Estafeta D. Nun'Álvares Pereira, unindo o monumento evocativo da Batalha de Atoleiros, em Fronteira, e o Campo Militar. No dia 04 de Abril efectuou-se a Celebração Pascal e no dia 06 de Abril, em que se comemora a batalha de ATOLEIROS, realizou-se a Cerimónia Militar que foi presidida pelo CEME, General Silva Viegas.

Esta cerimónia contou com a presença de cerca de 300 convidados, de que se destacam o



Gen VCEME, o Presidente da Câmara Municipal de Constância e oficiais gerais no activo e na reserva.

VISITA DE DELEGADOS DO AMBIENTE

No dia 4 de Abril, o CMSM recebeu a visita de 38 delegados do ENVIRONMENT TRAINING WORKING GROUP / NATO TRAINING GROUP (ETWG/NTGT). O programa da visita incluiu um briefing sobre o CMSM e as suas principais acções e preocupações ambientais, uma visita ao sistema de lavagem de CC do RC4, Ecopontos e ETAR do CMSM.

EXERCÍCIO EFICÁCIA 01

Decorreu no período de 23 a 26 Abril 2001, no CMSM, o exercício "EFICÁCIA 2001". Este exercício, da responsabilidade primária do COFT, destinou-se a desenvolver a capacidade operacional das Baterias de Artilharia dos GAC das Brigadas e das Tropas de CE que constituem os EOp da Componente Operacional do Sistema de Forças Exército (COSFE). Tem como finalidade exercitar as Baterias de Artilharia (Rebocadas e Auto Propulsadas) no planeamento, controlo e conduta, numa situação de Defesa Directa do Território.



Participaram neste exercício a Bateria ALFA da Escola Prática de Artilharia, equipada com Obus M114/155mm (Reb), a Bateria BRAVO, da Brigada Aerotransportada Independente (RA4), com Obus L119/105mm (Reb), a Bateria CHARLIE, da Brigada Mecanizada Independente, com Obus M109A2/155mm (AP) e a Bateria DELTA da Brigada Ligeira de Intervenção (RA5), com Obus OM/105mm (Reb).

VISITA DO EXMO TGEN IGE

Enquadrando-se na OPEVAL que em 6 e 7 de Maio decorreu na Companhia de Engenharia da BMI, o TenGen Samuel Matias do Amaral, Inspector Geral do Exército, deslocou-se ao CMSM onde teve





oportunidade de, na Área de Atribuição de Missão (AAM) deste EOp da BMI, verificar o decorrer desta acção inspectiva.

O COMANDANTE E O CEM DO CMSM E DA BMI VISITAM AGR ECHO NA BÓSNIA

De 8 a 11 de Maio visitaram o Agr ECHO, na Bósnia-Herzegovina, o MGen Silvério e o TCor Infº



Rui Moura, com o objectivo de se inteirarem da forma como estava a decorrer esta missão, cuja responsabilidade foi atribuída á BMI.

VISITA DO CPOS DAS ARMAS E SERVIÇOS

Em 10 de Maio, o Curso de Promoção a Oficial Superior das Armas e Serviços/Academia Militar, efectuou uma visita de estudo ao CMSM. A comitiva era constituída por 129 Oficiais-Alunos, sendo 3 da República de Cabo Verde, 1 da República de Moçambique e 1 da República de S.Tomé e Príncipe.

Após um briefing de apresentação da BMI e do

CMSM, os visitantes tiveram oportunidade de assistir a uma mostra de material representativo de uma Unidade de Manobra (Sub-Agrupamento), seguido de um almoço nas Unidades da respectiva Arma ou Serviço.

VISITA DO CURSO DE DEFESA NACIONAL (CDN) 2000-2001



Em 14 de Maio, 54 Auditores do Curso de Defesa Nacional, acompanhados por alguns elementos do IDN, efectuaram uma visita de estudo ao CMSM.

Após um briefing de apresentação da BMI e do CMSM, os visitantes tiveram oportunidade de assistir a uma mostra de material representativo de uma Unidade de Manobra (Sub-Agrupamento).

CERIMÓNIA RECEPÇÃO AGR DELTA

Presidida por Sº Exº o 1º Ministro, Engº António Guterres realizou-se no dia 18 de Maio de 2001, no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) / BMI, a cerimónia de recepção do Agrupamento DELTA/KFOR e de Juramento de Bandeira de cerca



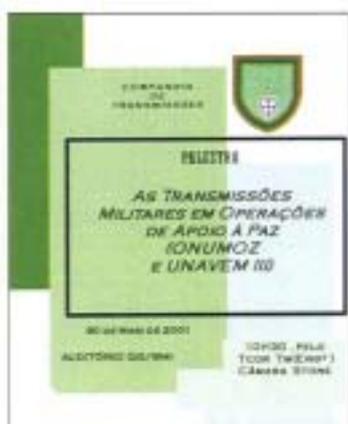
de 300 soldados do 2º Turno de 2001, Grupo B, que receberam Instrução Básica em Unidades do CMSM.



No decorrer desta cerimónia o Sr. 1º Ministro procedeu à imposição no Estandarte Nacional da Brigada Mecanizada Independente, da insígnia correspondente ao título de Membro-Honorário da Ordem Militar de Aviz, conferido a esta por S.Exª o Presidente da República (Alvará de Concessão de 16 de Maio de 2001).

SEMINÁRIO DE TRANSMISSÕES

Decorreu no Auditório do Quartel General da Brigada Mecanizada Independente uma Palestra subordinada ao tema "As Transmissões Militares em Operações de Apoio à Paz" proferida pelo TCor



Câmara Stone e organizada pela Companhia de Transmissões. À mesma compareceram bastantes militares das Unidades da BMI e CMSM que participaram na década de 90 nas primeiras OAP do Exército Português em Teatros Africanos aproveitando a ocasião para se trocarem opiniões na

vertente operacional e logística das mesmas.

VISITA DOS CURSOS SUPERIORES DOS 3 RAMOS DAS FORÇAS ARMADAS

Em 5 de Junho, efectuaram uma visita de estudo ao CMSM, 15 Coronéis do Exército, 10 Coronéis



da Força Aérea e 10 Capitães de Mar e Guerra, que frequentam os Cursos Superiores dos 3 Ramos, acompanhados por 3 oficiais Generais, directores de Curso.

Após um briefing sobre a BMI e o CMSM, apresentado pelo Exmo MGen Silvério, os visitantes tiveram oportunidade de assistir a uma mostra de material representativo de uma Unidade de Manobra (Sub-Agrupamento), seguido de um almoço de convívio.

EXERCÍCIO ARCO 011

O exercício da Brigada Mecanizada Independente ARCO 011, teve como cenário base uma situação de guerra convencional, na condução de operações militares de Defesa Directa do Território Nacional.



A BMI actuou inserida no ICE, porém, a condução do LOGEX, do CPX e do FTX apenas incidiu sobre as forças que estão sob o seu Comando.

Este exercício desenvolveu-se nas modalidades de EXSTUDY, LOGEX, CPX/JG, FTX e LFX, que constituíram cada uma das fases em que decorreu o exercício:

1ª fase (EXSTUDY) – Foi articulado da seguinte forma:

7 a 11 de Maio – Seminário de Jogos de Guerra

23 a 25 de Maio – Seminário sobre controlo e arbitragem de FTX

30 Maio a 1 Junho – Seminário sobre logística e pessoal

2ª fase (LFX) – Decorreu no dia 29 de Maio uma sessão de Fogos Reais na carreira de tiro A7 (D. Pedro) que incluiu regulações de tiro de artilharia e de morteiro, fogo e manobra de um sub-agrupamento (Pel CC e PelAtMec), tiro de TOW (com ITV e em M113), tiro com Obus M 109, do GAC, e tiro de morteiro 10,7, do Pel Mort do 2º BIMEc.



Após um briefing de apresentação da BMI e do CMSM, no Quartel General, assistiram a esta sessão um grupo de 50 observadores do CONFIDENCE SECURITY BUILDING MEASURES (âmbito do Documento de Viena 99).

3ª fase (LOGEX) – Decorreu de 4 a 8 de Junho, sendo o tema tático aplicado, uma operação retrógrada.

4ª fase (CPX – JG)



Decorreu de 9Jun a 13Jun contemplando um exercício de escalão Brigada na Defesa Avançada tendo em visto o treino do planeamento, controlo e execução de Operações táticas do apoio de

combate e de serviços por parte dos Comandos Subordinados.

Integrou uma equipa TACP (FAP).

5ª fase (FTX) – Decorreu de 25 a 29 de Junho, tendo participado todos os encargos operacionais da BMI e do CMSM. O tema tático foi uma operação de defesa, sendo a “forma de defesa” adoptada a “defesa avançada” e a “técnica de defesa” a “estática”.



DIA MUNDIAL AMBIENTE



O dia 05 de Junho de 2001, foi comemorado no CMSM. Pelas 16h00, realizou-se um passeio de bicicletas, trotinetes e patins ao longo da Avenida D. Nuno Álvares Pereira, que teve cerca de uma centena de participantes. Pelas 16h35, e com a presença de mais de meio milhar de militares de todas as UUOO do CMSM/BMI e de alguns alunos e professores da escola primária e infantário do CMSM, foi projectado no cinema um vídeo sobre temática ambiental, da Mini-série do MDN. De seguida, o Major General Jorge Silvério procedeu à distribuição de menções honrosas destinadas a premiar as unidades do CMSM / BMI que mais se destacaram na área do ambiente no ano 2000. As menções honrosas atribuídas foram as seguintes:

- Recolha Selectiva (Ecopontos) - CTm/BMI
- Recolha de Óleos Oficinais - 2º BIMEc/BMI
- Recolha de Óleos Alimentares - BAPSvc/BMI
- Poupança de Água e Energias Alternativas - RC4/CMSM
- Promoção da Educação Ambiental - Quartel de Artilharia /BMI(GAC e BAAA).

SEMINÁRIO ARTILHARIA

Realizou-se no dia 12 de Julho, no auditório do Quartel da Artilharia, mais um Seminário de Artilharia. Os temas abordados foram os seguintes:



Tema de Artilharia Campanha

- AFATDS - Sistema Avançado de Dados Tácti-cos de Artilharia de Campanha, pelo Cap Artº Octávio Marques Avelar da Academia Militar.
- Principais Diferenças entre o OBUS M109 A2 e M109 A5, pelo Maj Artº Soares Aquino do GAC/BMI.

Tema de Artilharia Antiaérea

- C31 na Artilharia Antiaérea, pelo TCor Artº Osvaldo Manuel Galvão Esteves do RAAAI.

VISITA DA APPACDM

Nos dias 10 e 11 de Julho de 2001 efectuaram uma visita ao CMSM/BMI 56 cidadãos com deficiência mental e 10 acompanhantes do Centro de Formação da Ajuda da Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Lisboa.

Esta visita enquadrou-se nos objectivos gerais daquela associação, nomeadamente na promoção de actividades culturais e na defesa e promoção



dos reais interesses e satisfação das necessidades do cidadão deficiente mental nas instituições e na sociedade.

O programa da visita constou de um briefing sobre a actividade e constituição do CMSM e da BMI, um passeio de "Jeep" pela área urbana e rural do Campo Militar, visionamento de um filme no cinema e instalação numa caserna de praças. No segundo dia a visita decorreu, no RC4/CMSM com, uma visita às instalações, ao museu, às cavaliças e ao Grupo de Carros de Combate onde tiveram oportunidade de passear nos CC M60, afectos á instrução de condutores, e ter uma instrução prática com a Esp.Aut.-G3. Á tarde, no Grupo de Artilharia de Campanha, assistiram a uma formatura de pessoal, seguida de desfile, á projecção de um filme sobre a actividade da artilharia de campanha e a uma sessão no simulador de tiro INFRONT.

CERIMÓNIA RECEPÇÃO AGR ECHO E DE JURAMENTO DE BANDEIRA DOS SOLDADOS DO 3º T-B/01

Presidida pelo Exmo General Silva Viegas,





Chefe do Estado Maior do Exército, realizou-se no dia 10 de Agosto de 2001, no Campo Militar de Santa Margarida, a cerimónia de recepção do Agrupamento ECHO /SFOR e de Juramento de Bandeira dos soldados do 3º Turno B de 2001, que receberam Instrução Básica em Unidades do CMSM.

O Ministro da Defesa Nacional, Dr. Rui Pena, compareceu no local da cerimónia onde dirigiu algumas palavras de reconhecimento pela forma exemplar e prestigiante para Portugal, como os militares do Agrupamento, cumpriram a sua missão.

Novas Funções

CMDT DA CCS



09JUL01
Cap Infº Martins

2.º CMDT RC4



08AGO01
TCor Cavº Alves da Costa

CMDT CENG



23JUL01
Cap Engº Rodrigues Santos

DIRECTOR DO CENTRO
DE SAÚDE



10SET01
TCor Med Castro Alves

CMDT EREC



14SET01
Cap Cavº Santana

CHEFE DA 2.ª
SECCÃO/QG/BMI



19SET01
TCor Cavº Tavares

CHEFE DA 4.ª SEC. QG/BMI



SET01
TCor Infº Lourenço

CMDT CTM



24SET01
Maj TM Carlos Ribeiro



2.º Comandante do CMSM



22SET01

Cor Cavº Joaquim dos Reis

O Coronel Tirocinado de Cavalaria, JOAQUIM DOS REIS, nasceu em SOBRAL / MORTÁGUA, tem 54 anos de idade e 35 de serviço. Foi promovido ao actual posto em 15 de Setembro de 1997.

No Exército, serviu na Escola Prática de Cavalaria como Instrutor e Comandante de Pelotão,

Esquadrão e Grupo; no Centro de Instrução de Polícia do Exército como Adjunto do Director de Instrução; no Instituto Superior Militar como Professor; no Regimento de Cavalaria nº4 como Comandante do Grupo de Carros de Combate da Brigada Mecanizada Independente e ainda como 2º Comandante do Regimento; no Regimento de Cavalaria nº3 como Comandante; e ainda foi Chefe de Estado Maior e 2º Comandante da Brigada Ligeira de Intervenção.

Na Guarda Nacional Republicana, onde serviu de 1986 a 1991, exerceu as funções de Chefe da Secção Logística e Chefe da Secção de Operações e Informações do Batalhão nº5 em Coimbra.

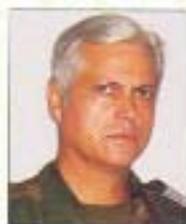
Cumpriu uma Comissão de Serviço no ex-Ultramar, na Guiné, onde foi Comandante de Pelotão e posteriormente Oficial de Operações de um Batalhão.

Da sua folha de serviços constam 13 louvores, dos quais, um concedido pelo Ministro da Administração Interna, três pelo Chefe do Estado Maior do Exército e quatro por Oficiais Gerais. Tem as seguintes condecorações, três medalhas de Serviços Distintos, as medalhas de Mérito Militar de 3ª e 2ª classes, bem como a medalha de Ouro de Comportamento Exemplar. Possui ainda a medalha Comemorativa das Campanhas-Guiné.

É casado com Maria Olímpia Rodrigues Cardoso dos Reis.

Tem um filho e duas filhas.

Comandante do RC4



24JUL01

Cor Cavº Martins Ferreira

O Coronel JOSÉ ALBERTO MARTINS FERREIRA, nasceu em 1955 e entrou para a Academia Militar em 1973. Foi promovido ao actual posto em 13 de Agosto de 2000.

Anteriormente desempenhou funções no Regimento de Cavalaria Nº4, como Comandante do Esquadrão de Instrução, do Esquadrão de Carros de Combate e como 2º Comandante.

Na Escola Prática de Cavalaria, desempenhou as funções de Comandante do Esquadrão de Instrução, do Esquadrão de Reconhecimento, do Esquadrão de Carros de Combate, do Grupo

Escolar, foi Chefe da Secção de Tática, Mestre de Equitação e Director de Estudos e Instrução.

No CMEFD, foi, em acumulação de funções, Chefe da Secção de Operações, Informações e Segurança e Mestre de Equitação.

Esteve ainda colocado três anos no Estado Maior Internacional da OTAN, na Divisão de Informações do SHAPE e seis meses no Quartel General da SFOR / LANDCENT durante a Operação JOINT ENDEAVOUR, no Teatro de Operações da BOSNIA-HERZEGOVINA, ambas como Oficial de Informações.

Em Setembro de 1999 foi colocado na Divisão de Operações do EME onde desempenhou as funções de Chefe da Repartição de Estudos e Doutrina e de Chefe da Repartição de Cooperação Militar e Alianças.

Recentemente desempenhou as funções de Chefe da Repartição de Informações do Quartel General da Força de Manutenção de Paz em Timor Leste

das Nações Unidas (UNTAET) e, já como Coronel, assumiu as funções de Comandante do Contingente Nacional em Timor Leste e Comandante do Sector Central da UNTAET.

Frequentou, o Armour Officer Advanced Course em Fort Knox, KY, nos USA, o Curso de Mestre de Equitação no CMEFD, em Mafra e o Curso Geral de Comando e Estado Maior no IAEM.

Possui dez (10) Louvores atribuídos no desempenho de diversas funções, uma Medalha de Serviços Distintos com Palma, duas Medalhas de Serviços Distintos, Medalha de Mérito Militar de 2ª Classe, Medalha de prata de Comportamento Exemplar, Medalha da NATO/SFOR do TO da Bosnia Herzegovina 96/97 e Medalha das Nações Unidas (com o numeral 2) do TO de Timor LESTE de 2000.

Casado à 25 anos com Carmen Cristina Dias Costa Martins Ferreira, tem 1 filho e duas filhas.

Escola Primária do CMSM



Festa de Fim de Ano da Escola EB1 de Malpique nº2
(Campo Militar de Santa Margarida)

O Jardim de Infância, a Creche e a nossa escola, no dia 4 de Julho fizeram uma festa de fim de ano, no edifício escolar.

A Creche abriu a festa com a canção: "Eu tenho um pião"

O Jardim de Infância começou a sua actuação com a canção-história: "A Carochinha". Cantaram também a canção: "Prevenção Rodoviária".

Para terminar seguiu-se "A Canção dos Finalistas", depois de receberem os diplomas e as pastas.

Os pais dos meninos apresentaram uma história de fantoches chamada: "A Doninha Cheirosinha".

Os alunos do 1º, 2º e 3º anos disseram umas lengalengas e os do 4º ano receberam o livro de curso e depois dançaram "A dança dos finalistas".

A acabar dramatizámos a história: "A menina do mar".

No fim fomos lanchar.

André Mendes, Sara e Rodrigo



Jardim de Infância do CMSM



As crianças do Jardim de Infância D. Nuno Álvares Pereira do Campo Militar de Santa Margarida, elaboraram uma história sobre a Prevenção Rodoviária, tema de trabalho no ano lectivo 2000/2001. Aqui vai:

"O POLÍCIA ENSINA O TOMI"

Era uma vez um menino que se chamava Tomi. O Tomi foi brincar para a rua com o João, porque não se deve brincar sozinho. E foram procurar o André, a Andreia e o Miguel para brincarem, mas primeiro foram pedir à mãe se podiam ir.

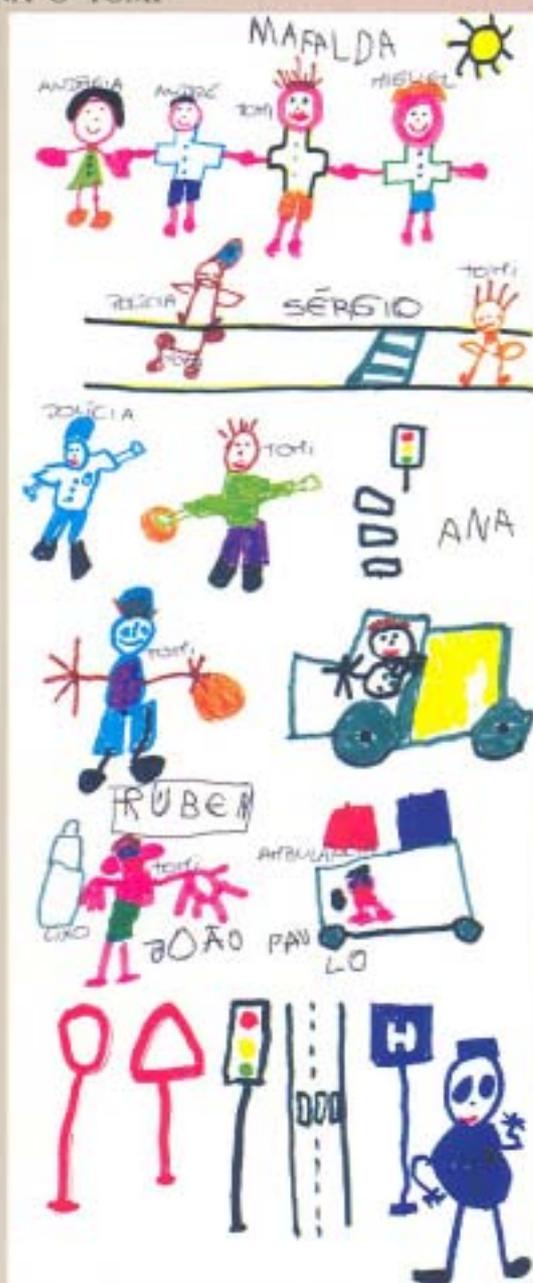
Depois de muito brincarem, Tomi foi para casa. Mas, este menino não atravessou a estrada na passadeira. Quem estava ali perto foi o Polícia sempre amigo.

O Polícia explicou-lhe que se deve atravessar sempre na passadeira, mas antes, olhar para a esquerda e para a direita, e quando existem semáforos, esperar sempre pelo sinal verde.

Tomi, foi para casa todo contente com o que já tinha aprendido com o Polícia. No caminho houve um senhor que ele não conhecia, que o queria levar no carro. Mas Tomi não aceitou, porque não se fala com pessoas que não conhecemos e muito menos entrar no carro.

Mas quando, já estava quase quase a chegar a casa, passou perto dos contentores e fez o que não devia. Não só mexeu no lixo, como também provou qualquer coisa de um frasco. Teve de ir para o Hospital de ambulância.

Pelo caminho, na ambulância a apitar, o Tomi viu muitos sinais de trânsito. E quando chegou a casa prometeu aos pais que iria sempre ter atenção aos sinais de trânsito e nunca mais mexia no lixo.



Educação Física e Desportos



ESTAFETA D. NUN'ÁLVARES PEREIRA



A Estafeta D. Nuno Álvares Pereira realizou-se no dia 03 de Abril de 2001, enquadrando-se nas comemorações dos vinte e três anos da Brigada Mecanizada Independente.

Este evento desportivo realiza-se anualmente e teve a sua origem em 1981, por determinação do então Brigadeiro Comandante do CIMSM e da 1ª BMI.

O primeiro regulamento da prova, foi assinado em 31OUT89 pelo então Chefe do Estado Maior da 1ªBMI, Sr TCor Ernesto Rodrigues Gaspar da Rosa.

O percurso utilizado na prova encontra-se compreendido entre Atoleiros e Santa Margarida, numa extensão total de 90 Km e articulado em troços com distâncias que variam entre os 3,5Km e os 6Km.

Participaram na Prova Estafeta D'Nuno 2001, todas as Unidades do CSM/BMI, o corpo de Tropas Aero transportadas e o Governo Militar de Lisboa com uma equipa

constituída por militares das Escola Prática de Infantaria.

A BMI é herdeira das tradições e da história da 3ª Divisão, Unidade criada em 1953 para satisfazer os compromissos de Portugal para com a OTAN. O patrono dessa Divisão, figura histórica que constitui exemplo e símbolo de virtudes militares que devem caracterizar qualquer Unidade, era o Condestável D. Nuno Álvares Pereira. Com a criação da 1ª BMI, em 1978, decidiu-se então que, como herdeiros que somos da 3ª Divisão, deveríamos conservar o mesmo patrono.

D. Nuno notabilizou-se na Batalha dos Atoleiros já que, com um Exército numericamente inferior ao espanhol, adoptou um dispositivo tático que lhe permitiu anular todas as vantagens do ímpeto da Cavalaria inimiga.

Esta retumbante vitória em Atoleiros, sobre as forças Castelhanas, teve as virtudes de levantar extraordinariamente, o ânimo dos bisonhos combatentes portugueses, fazer crescer de prestígio o seu valoroso chefe e a insolente confiança de Castela no poder da sua



Cavalaria e na superioridade das suas tropas.

Daí que para nós, militares do BMI, Atoleiros e D'Nuno, revelam-se como um exemplo perene das virtudes militares.

A classificação final na prova, das 3 primeiras equipas, foi a seguinte:

- 1º LUGAR – CTAT – 05h50'10"
- 2º LUGAR – 1BIMec – 06h11'16"
- 3º LUGAR – BApSvc – 06h14'50"



GRANDE PRÉMIO AVENIDA D. NUN'ÁLVARES PEREIRA

Realizaram-se em 26Jan01, 24Abr01 e 13Jul01, respectivamente, as XXVIII, XXIX e XXX Provas da Avenida.

Prova de corrida pedestre, ao longo da Avenida D. Nuno Álvares Pereira, com a designação de "Grande Prémio Avenida Nun'Álvares", segundo regras específicas

e adequadas à realidade do CMSM e da BMI, tem como objectivo desenvolver a prática desportiva, fortalecer o espírito de corpo e a camaradagem entre todos os militares do CMSM.

Esta prova mantém o seu percurso e a sua extensão inalteráveis, desde a sua primeira edição em

1994. O seu percurso é definido pela Avenida Nuno Álvares Pereira, numa extensão total de 2392m.

Na realização das três provas verificou-se uma participação salutar de todas as Unidades do CMSM e da BMI empenhando, estas, quase a totalidade dos seus efectivos.

CLASSIFICAÇÕES

1. XXVIII PROVA DA AVENIDA

A Unidade vencedora desta edição foi o BApSvc, uma vez que somou um maior número de pontos, com os atletas classificados nos 5 (cinco) primeiros lugares dos vários escalões.

a. Classificação Geral Individual

1. SOLD SEN DIAS	- 2BIMec
2. ICABO ROQUE	- GAC
3. ICABO CARVALHO	- CCS
4. SOLD SEN ALMEIDA	- BAAA
5. SOLD Rec TAVARES	- RC4

b. Classificações Individuais

(1) Classificação Feminina A

1. 2SAR QUINTA	- BAS
2. 2FUR CARDOSO	- GAC
3. ASP DUARTE	- GAC
4. SOLD COSTA	- CCS
5. FUR AMORAS	- GAC

(2) Classificação Feminina B

1. ISAR MARQUES	- CTm
-----------------	-------

(3) Classificação Escalão Masculino A

1. SOLD SEN DIAS	- 2BIMec
2. ICABO ROQUE	- GAC
3. ICABO CARVALHO	- CCS
4. SOLD SEN ALMEIDA	- BAA
5. SOLD Rec TAVARES	- RC4

(4) Classificação Escalão Masculino B

1. ISAR NEVES	- CCS
2. ISAR ARAUJO	- CTm
3. ISAR SANTOS	- 1BIMec
4. MAJ CARDOSO	- BApSvc
5. ISAR SILVA	- CEng

(5) Classificação Escalão Masculino C

1. TCOR MOURA	- CCS
2. SAJ ELOY	- BApSvc
3. CAP HENRIQUES	- BApSvc
4. SAJ GARRIDO	- BApSvc
5. SAJ FERREIRA	- CCS

(6) Classificação Escalão Masculino D

Não houve militares a concorrer neste escalão.

2. XXIX PROVA DA AVENIDA

A Unidade vencedora desta edição foi o BApSvc

a. Classificação Geral Individual

1. ICABO ROQUE	- GAC
2. SOLD MIRANDA	- RC4
3. SOLD TAVARES	- GCC
4. SOLD PINTO	- GCC
5. ICABO SANTOS	- 2BIMec

b. Classificação Escalão Feminino A

1. ISAR RAGAGELES	- BAA
2. SOLD VARELA	- 1BIMec
3. FUR ALMEIDA	- BApSvc
4. ALF GIL	- GCC
5. 2SAR FERNANDES	- 2BIMec

c. Classificação Escalão Feminino B

1. ISAR LAMAS	- BApSvc
2. CADJ MATOS	- BApSvc

d. Classificação Escalão Masculino A

1. ICABO ROQUE	- GAC
2. SOLD MIRANDA	- RC4
3. SOLD TAVARES	- GCC
4. SOLD PINTO	- GCC
5. ICABO SANTOS	- 2BIMec



e. Classificação Escalão masculino B

1. ISAR NEVES	- BAA
2. ISAR ARAUJO	- CTm
3. ISAR MOREIRA	- BApSvc
4. SAJ CHURRA	- BApSvc
5. CAP FERREIRA	- CCS

f. Classificação Escalão Masculino C

1. CAP PINTO	- BApSvc
2. SAJ ELOY	- BApSvc
3. SCH MATOS	- BCS
4. CAP GARCIA	- BCS
5. SAJ FERREIRA	- BCS

g. Classificação Escalão Masculino D

1. MAJ SANTOS	- BApSvc
---------------	----------

3. XXX PROVA DA AVENIDA

A Unidade vencedora desta edição foi o BApSvc

b. Classificação Geral Individual

1. ICABO ROQUE	- GAC
2. SOLD SEN SANTOS	- BApSvc
3. SOLD SEN SILVA	- ERec
4. SOLD RODRIGUES	- 1BIMec
5. SOLD Sen TAVARES	- GCC

b. Classificação Escalão Feminino A

1. FUR CALDAS	- BApSvc
2. ISAR RAGAGELES	- BAA
3. SOLD VARELA	- 1BIMec
4. ISAR VESTIA	- GCC
5. ASP VINHAS	- GAC

c. Classificação Escalão Feminino B

1. ISAR LAMAS	- BApSvc
2. CADJ MATOS	BApSvc
3. ISAR VIDINHA	BApSvc

e. Classificação Escalão Masculino A

1. ICABO ROQUE	- GAC
2. SOLD Sen SANTOS	- BApSvc
3. SOLD Sen SILVA	- ERec
4. SOLD RODRIGUES	- 1BIMec
5. SOLD Sen TAVARES	- GCC

h. Classificação Escalão masculino B

1. ISAR ROQUE	- 2BIMec
2. ISAR SILVA	- CEng
3. CADJ NEVES	- BApSvc
4. ISAR COSTA	- BAA
5. ISAR AUGUSTO	- CEng

i. Classificação Escalão Masculino C

1. TCOR MOURA	- CCS
2. CAP PINTO	- BApSvc
3. SAJ ELOY	- BApSvc
4. SMOR ALVES	- CCS
5. SAJ COELHO	- GCC

j. Classificação Escalão Masculino D

1. MAJ SANTOS	- BApSvc
---------------	----------

CAMPEONATOS DE PENTATLO MILITAR

Em 1946, um oficial do exército francês, Capitão Henri DEBRUS, teve a ideia de criar uma competição desportiva reservada ao soldado, com base num treino físico e militar em uso nas Tropas Aerotransportadas do Exército da Holanda. Nessa prova um pára-quedista, largado sobre determinada zona, teria de percorrer 20 quilómetros desde o ponto de aterragem, seguindo um itinerário pré-determinado, ao longo do qual tinha de vencer certas dificuldades (transposição de obstáculos e travessia de cursos de água e executar operações de combate, como sejam o tiro e o lançamento de granadas).

A partir desta ideia, e eliminando o salto em pára-quedas, o Capitão DEBRUS organizou uma prova de ensaio no Centro de Treino Físico Militar, em território francês ocupado, em Agosto de 1947, em que participaram equipas belgas, holandesas e francesas.

Em 1948, 1949 e 1950, a organização das finais do Campeonato de França de Pentatlo Militar foi

confiada à Escola Militar de Esgrima e de Desportos de Combate onde, com a colaboração do Serviço Central de Desportos das Forças Armadas, foram fixadas as condições de execução das provas e os parâmetros de classificações.

A partir de então, o Pentatlo Militar foi adoptado como prática desportiva pelas Forças Armadas de numerosos países e o seu sucesso tem vindo a crescer.

Largamente praticado sob a forma de Campeonatos Nacionais, o Pentatlo Militar tornou-se a competição desportiva mais importante do calendário do Conselho Internacional do Desporto Militar.

1. CAMPEONATO DE PENTATLO MILITAR/FASE CMSM (Regional)

Organizado pelo BApSvc, realizou-se no período de 07 a 11Mai01, o Campeonato de Pentatlo Militar do CMSM (Fase Regional).



O programa do Campeonato foi elaborado em conformidade com o Regulamento Geral dos Campeonatos Desportivos Militares.

É de realçar, na parte da organização, o empenho e a dedicação colocados, factores estes que muito ajudaram a ultrapassar algumas dificulda-

des sentidas pelos participantes.

A classificação final, elaborada com base no somatório dos pontos obtidos nas 5 provas, foi a seguinte:

GERAL INDIVIDUAL

- 1º. ICABO ROQUE do GAC
- 2º. ISAR MAGALHÃES do 1ºBIMec
- 3º. ICABO DUARTE do 2ºBIMec

COLECTIVA

- 1º. 2ºBIMec
- 2º. 1ºBIMec
- 3º. GAC

2. CAMPEONATO DE PENTATLO MILITAR/FASE EXÉRCITO

Realizou-se no período de 25 a 29Jun01, no RI3 – BEJA, o Campeonato de Pentatlo Militar/Fase Exército.

Estiveram presentes as RM, as ZM e o GML, fazendo-se o CMSM representar por uma equipa constituída com base nos elementos melhores classificados no Campeonato Fase Regional. Esteve igualmente presente uma equipa da

PSP que participou no torneio aberto.

O nível técnico deste Campeonato foi muito elevado, tendo a equipa representativa do CMSM obtido um excelente 2º Lugar.

TIRO DESPORTIVO

Decorreu nas infra-estruturas de tiro do CMSM/BMI, no período de 26 a 30Mar01, o Campeonato de Tiro Desportivo Fase II.

A organização do Campeonato foi encargo do Batalhão de Comando e Serviços, que mais uma vez criou

condições excepcionais para o desenrolar do campeonato, tendo os atiradores sido recebidos num ambiente acolhedor e amigável, não sendo assim de estranhar que durante o campeonato se observasse um espírito de leal competição, de

franca camaradagem e são convívio.

Participaram no campeonato 95 atiradores, em representação de 11 Unidades do CMSM/BMI.

As classificações individuais e colectivas foram as que a seguir se indicam:

CLASSIFICAÇÕES

1. PISTOLA DE GROSSO CALIBRE

a. Masculinos

(1) Individual

- 1º TCOR PEREIRA – BApSvc
- 2º ISAR MENDES – CCS
- 3º ISAR NEVES – CCS

(2) Colectiva

- 1º CCS
- 2º BApSvc
- 3º RC 4

b. Femininos

(1) Individual

- 1º ISAR VIDINHA – BApSvc
- 2º ISAR QUINTAS – BApSvc
- 3º ICABO LOURENÇO – BApSvc

(2) Colectiva

- 1º BApSvc
- 2º 1BIMec
- 3º GCC

2. PISTOLA DE GROSSO CALIBRE

a. Masculinos

(1) Individual

- 1º ISAR PINTO – RC 4
- 2º CAP COSTA – 2BIMec
- 3º TEN RODRIGUES – CEng

(2) Colectiva

- 1º RC 4
- 2º 2BIMec
- 3º CCS

b. Femininos

(1) Individual

- 1º ICABO SANTOS – 2BIMec
- 2º ICABO MOREIRA – BCS
- 3º ICABO MIRANDA – RC 4

(2) Colectiva

- 1º BCS
- 2º RC 4
- 3º 1BIMec

CAMPEONATOS DE ORIENTAÇÃO

A orientação foi introduzida no País pelos militares e a eles se deve o seu forte desenvolvimento e incremento no meio civil.

Descobrir o melhor percurso num terreno desconhecido, não raras vezes coberto de florestas densas, através de montanhas e mesmo pântanos, com quaisquer condições climatéricas, de dia ou de noite, está dentro do âmbito da orientação.

A prática da orientação exige que o atleta saiba utilizar um mapa da região e uma bússola, que aprenda a escolher os melhores percursos através do terreno que lhe não é familiar, vencendo pequenos obstáculos e distâncias cada vez mais longas.

Manter-se em boa forma física, ganhar autoconfiança, aumentar a capacidade de decisão, perder os medos e sentir-se seguro de si, são alguns dos objectivos a atingir com esta modalidade.

1. CAMPEONATO DE ORIENTAÇÃO/FASE CMSM (II FASE)

O RC4 foi a Unidade do CMSM a quem foi atribuída a missão de organizar, no período de 12 a 16Fev01, o Campeonato de Orientação do CMSM/FASE REGIONAL 2001.

Para este ano foram utilizadas, no primeiro dia de provas individuais (M/F), cartas de 1/15000 da região de S. Miguel de Rio Torto, no segundo dia de provas individuais (M/F), cartas de 1/15000 da região de Vale de Açor e para a prova de estafeta (M/F), cartas de 1/10000, da região de Cadelas.

A organização fez com que o campeonato decorresse de uma forma correcta, assistindo-se ao longo do campeonato ao fortalecimento de laços de camaradagem e amizade, que contribuíram de forma decisiva para os excelentes resultados obtidos.

As classificações individuais e colectivas por escalões foram os seguintes:

a. Geral Individual – 1º Escalão

- 1º ICABO ROQUE do GAC
- 2º. ISAR NEVES da CCS
- 3º. CAP CANCELINHA da CCS

b. Geral Individual – 2º Escalão

- 1º SAJ ALVES da CCS
- 2º. TCOR MOURA da CCS
- 3º. ISAR MENDES da CCS

c. Geral Feminino

- 1º ISAR MARQUES da CTm
- 2º. 2SAR QUINTAS do BApSvc
- 3º. ASPAURÉLIO do GAC

d. Classificação por Equipas

1º Escalão

- 1ª. CCS
- 2ª. GCC
- 3ª. CTm

2º Escalão

1ª. CCS

Equipas Femininas

Não houve classificação por equipas

e. Estafetas

1º Escalão

- 1ª. CCS-A
- 2ª. GCC-A
- 3ª. CCS-B

2º Escalão

- 1ª. RC4
- 2ª. CCS/BMI

Feminina

- 1ª. CCS-A
- 2ª. BCS

2. CAMPEONATO DE ORIENTAÇÃO/FASE EXERCITO (III FASE)

Realizou-se, de 16 a 20Abr01, no RA4 (Leiria), o Campeonato de Orientação/Fase

Exército 2001, com a participação de todas as RM, ZM, CMSM, CTAT e GML.

O CMSM participou com uma equipa representativa, constituída pelos atletas que mais se notabilizaram no campeonato da modalidade na II Fase e nos treinos de preparação.

Depois de 2 meses de treinos, onde a capacidade de organização, a grande força de vontade e de querer, o espírito de camaradagem e a alegria imposta foram motes importantes para superar cada dia de treino, os atletas da equipa do CMSM souberam honrar e elevar bem alto o nome desta Grande Unidade.

O RC4 organizou este campeonato sem falhas técnicas, tendo as provas decorrido na região do Facho e Praia da Vieira.

As classificações obtidas pela equipa do CMSM foram as seguintes:

I Escalão Masculino

- 4º Lugar

II Escalão Masculino

- 3º Lugar

Escalão Feminino

- 4º Lugar

Estafeta I Escalão Masculino

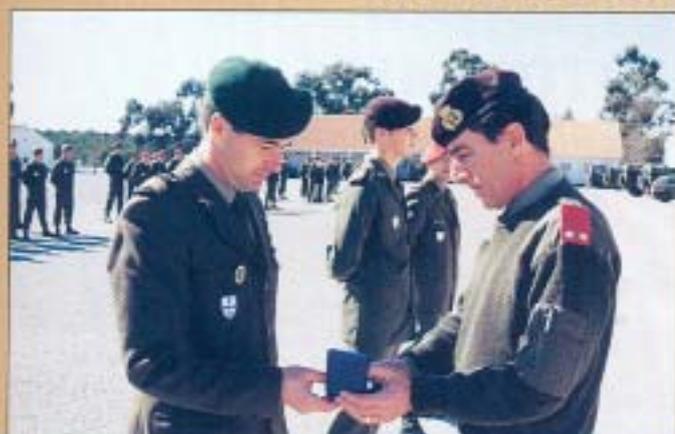
- 3º Lugar

Estafeta Feminino

- 4º Lugar



ATLETA DO SEMESTRE



Dando seguimento ao espaço «Atleta do Semestre» que tem como objectivos os seguintes:

1. Incentivos à prática desportiva;
2. Homenagear todos os atletas, vencedores e não vencedores, participantes em actividades desportivas no CMSM;
3. Homenagear o atleta que mais se evidenciou no Semestre a que se refere a revista.

Deste modo, de uma forma singela mas honrosa, pretende-se homenagear o/os atleta(s) que mais elevam o bom nome do CMSM.

Nunca poderemos esquecer, contudo, todos aqueles que, prova após prova, com esforço, muito querer e dedicação também dignificaram as equipas representativas do CMSM.

ATLETA EM EVIDÊNCIA NO 1.º SEMESTRE 2001

CAMPEONATO	TCOR MOURA (CCS)	1.º SAR NEVES (CCS)	1.º CB CARVALHO (CCS)
PENTATLO MILITAR	NÃO PARTICIPOU	NÃO PARTICIPOU	FASE BMI-7.º LUGAR FASE EXER-11.º LUGAR
ESTAFETA D. NUNO ÁLVARES PEREIRA	PARTICIPOU PELA EQ. DA CCS (1.º LUGAR)	PARTICIPOU PELA EQ. DA CCS	NÃO PARTICIPOU
28.ª PROVA DA AVENIDA	1.º CLASSIFICADO ESCALÃO C	1.º CLASSIFICADO ESCALÃO B	3.º CLASSIFICADO ESCALÃO A
29.ª PROVA DA AVENIDA	—	1.º CLASSIFICADO ESCALÃO B	—
30.ª PROVA DA AVENIDA	1.º CLASSIFICADO ESCALÃO C	—	—
CORRIDA E ORIENTAÇÃO	FASE BMI-GERAL INDIVIDUAL-2.º ESC-2.º LUGAR FASE EXERCITO-GERAL INDIVIDUAL-2.º ESC-23.º LUGAR (3.º LUGAR POR EQUIPAS)	FASE BMI-GERAL INDIVIDUAL-1.º ESC-2.º LUGAR FASE EXERCITO-GERAL INDIVIDUAL-1.º ESC-9.º LUGAR (4.º LUGAR POR EQUIPAS)	PARTICIPOU
TIRO DESPORTIVO	—	PISTOLA DE GROSSO CALIBRE-25MTS/MASC INDIVIDUAL-FASE BMI-2.º LUGAR	—

Para o 1.º semestre de 2001 foi eleito o 1.º SAR INF.º ARMANDO NEVES DA CCS/BMI

Nome: Armando Ferreira das Neves
Posto: 1.º SAR INF.º
N.º MEC: 06204990
Unidade: CCS/BMC

Arma: INF.º/CFS; 20.º CFS
Data de Nascimento: 4/4/69
Naturalidade: Viseu
Colocado desde 28JAN99 na CCS/BMC





CAMPO MILITAR DE SANTA MARGARIDA
BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE



CONCURSO de FOTOGRAFIA

REGULAMENTO

O CMSM/BMI organiza um concurso de fotografia tendo por principal objectivo a obtenção de trabalhos fotográficos para uma exposição fotográfica a realizar no dia da BMI/CMSM e para publicação na revista *Atoleiros*, principalmente para as suas capas, caso a quantidade e qualidade dos trabalhos o justifique. Podem concorrer todos os amadores e profissionais (militares e civis).

1. TEMA DO CONCURSO

Ao concurso podem ser apresentados trabalhos fotográficos em papel a preto e branco ou cores, alusivos ao seguinte tema: «O CMSM e a BMI, a sua Vivência e o seu Património.»

Deverão ser abordados aspectos relacionados com a vida militar, privilegiando-se os trabalhos que valorizem o tema Campo Militar de Santa Margarida, pelo facto de no próximo ano (2002), comemorar 50 anos de existência.

2. QUANTIDADE DE TRABALHOS E FORMATO

Cada participante pode apresentar até 3 trabalhos que deverão ter o formato mínimo de 15X20 e o máximo de 24X30. Por razões de enquadramento serão aceites ainda formatos com outras proporções. No caso de o formato ser inferior a 15X20 deverá ser enviado o respectivo negativo.

3. IDENTIFICAÇÃO DOS TRABALHOS

- No verso de cada trabalho deverão constar em letra bem legível:
 - Nº e título do trabalho (de acordo com o boletim de inscrição)
 - Pseudónimo do autor
- Juntamente com os trabalhos deverá ser entregue um envelope fechado contendo no exterior apenas o pseudónimo do autor e no interior o boletim de inscrição devidamente preenchido.

4. ENVIO E DEVOLUÇÃO DOS TRABALHOS

- O trabalhos poderão ser entregues em mão ou enviados por correio para:

“Concurso de Fotografia”
SIIRP/QG/BMI
2250 Santa Margarida
- Os concorrentes terão 30 dias, após a divulgação dos resultados, para fazer o levantamento dos trabalhos nas instalações da SIIRP/QG/BMI.

5. JÚRI DO CONCURSO

- Os trabalhos recebidos serão apreciados por um júri, a designar pela organização.

- As decisões do júri são inapeláveis.

6. PRÉMIOS

- Serão atribuídos os seguintes prémios:

1.º – Cx Porcelana VA (VU 8.850\$00)

2.º – Cx Porcelana VA (VU 4.300\$00)

3.º – Salva Estanho (VU 3.300\$00)

4.º a 10.º – Medalhões BMI (VU 1.180\$00)

10.º a 50.º – Pratos Porcelana BMI (VU 950\$00)

- Os trabalhos premiados ficam na posse da organização.

- O júri poderá decidir a não atribuição de quaisquer dos prémios ou a sua atribuição ex-aequo e, ainda, as menções honrosas que entender.

7. DIVERSOS

- A SIIRP/QG/BMI poderá utilizar trabalhos seleccionados mas não premiados para efeitos de publicação, sendo devida, nestes casos, remuneração por colaboração.
- Será tomado o maior cuidado com os trabalhos recebidos, mas a organização não se responsabiliza por danos ou extravios que eventualmente venham a ocorrer.
- A participação no concurso implica a aceitação integral deste regulamento.
- Os casos omissos no regulamento serão analisados e esclarecidos pela organização de cuja decisão não há recurso.

8. CALENDÁRIO

- Recepção dos trabalhos até Fevereiro de 2002 (inclusivé)
- Reunião do júri: mês de Março (dia a definir)
- A comunicação dos resultados aos premiados será feita na revista *Atoleiros* a distribuir no dia do CMSM/BMI.

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

Pseudónimo _____
 Nome _____
 Morada _____
 Telefone Civil _____ Telefone Militar _____ Unidade _____
 Posto/Profissão (riscar o que não interessa) _____

Nº Foto	Título	Local/Descrição sumária
1		
2		
3		





Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida
e da Brigada Mecanizada Independente

DOSSIER

INTRODUÇÃO

Terminamos, neste número seis da revista “Atoleiros” o Dossier que lançamos no número quatro sobre a questão do reequipamento do Exército.

Terminamos também, com a publicação da sua segunda parte, a edição do trabalho do ex-2º Cmdt da BMI, Cor Cav^a António Duarte Pinto Pereira, trabalho que, pela sua qualidade, constitui a base do Dossier referido.

CONTINUAÇÃO

c. SISTEMA DE FOGOS INDIRECTOS

- Ao nível Companhia assenta em 3 morteiros M 29 A1 81mm, com cerca de 3000 m de alcance, instalados em viaturas da família M 113 (M 125).
 - Ao nível BIMEc, GCC e Erec, existe um Pel Mort Pes, equipados com morteiros M 30 107 mm M/52 – 94, instalados em viaturas da mesma família (M 106), com um alcance de cerca de 6600 m.
 - São sistemas ultrapassados, que só poderão ser substituídos quando as suas plataformas de transporte (M 106 e M 125) forem substituídas ou modificadas.
 - A condução de tiro está dependente do trabalho manual da guarnição, que é lento, tornando os sistemas muito vulneráveis à contra-bateria.
- Esta vulnerabilidade aumenta durante o

tiro pelo facto de as viaturas apresentarem a parte superior aberta, expondo a guarnição aos efeitos de todo o tipo de granadas de rebentamento controlado acima do solo, incluindo as submunições, já hoje profusamente utilizadas pela artilharia e morteiros.

- A falta de sistemas de posicionamento aumenta ainda mais a sua vulnerabilidade.

Com o fim da Guerra Fria, os exércitos dos países da NATO têm vindo, de um modo geral, a ser gradualmente reduzidos e as suas forças destacadas no estrangeiro a ser recolhidas. A necessidade de voltar a projectar essas forças, implica prazos de reacção muito elevados e meios sofisticados, que podem colidir com a urgência da intervenção. Forças ligeiras, detentoras de meios de apoio de fogos orgânicos facilmente transportáveis por via aérea, com tempos de reacção muito curtos para poderem garantir o desenvolvimento posterior

de forças mais pesadas e poderosas, são de extrema importância. Daí a atenção que está a ser dada aos morteiros no tocante ao alcance, precisão e volume de fogos, bem como a plataformas que garantam as entradas e saídas de posição muito rápidas. Presentemente, ao nível Companhia/Batalhão o morteiro mais utilizado é o de 81/82 mm, com alcances que podem ultrapassar os 8 Km. O morteiro de 120 mm, também usado em larga escala tem um efeito prático semelhante ao dos sistemas de artilharia de 155 mm e as suas granadas apresentam o volume ideal para poderem ser "trabalhadas" e acomodar sistemas de guiamento e submunições de vários tipos.

O alcance destes modernos morteiros pode ultrapassar os 15 Km com projecteis assistidos.

Para garantir a protecção da guarnição e a flexibilidade do sistema, foi aperfeiçoada a tecnologia de carregamento pela culatra, em substituição do carregamento pela boca dos morteiros clássicos, conferindo à arma a possibilidade de fazer tiro tenso. Assim um pelotão de morteiros, em vez de ser utilizado somente no apoio de fogos indirectos também pode flexibilizar o seu emprego como elemento de manobra e ser utilizado em tiro directo como qualquer viatura blindada de um pelotão de atiradores ou de reconhecimento.

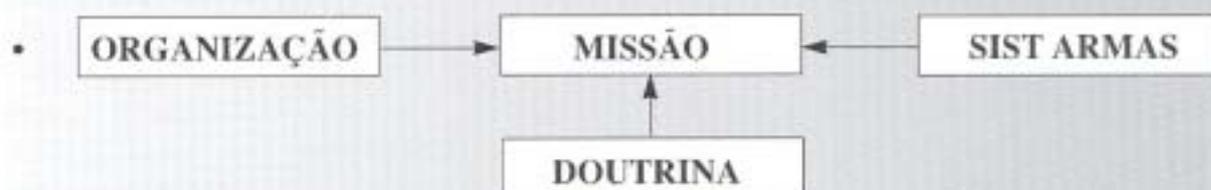
Resumindo, poderemos dizer que a componente de apoio de fogos, ao nível Batalhão/Companhia, deveria obedecer aos seguintes requisitos:

Calibre	Alcance	Granadas	Conduta de tiro	Plataforma de tiro
- 81/82 mm de carregamento pela culatra	±8 000 m	- Assistidas - HE - HP - HEAT - Guiamento final - Submunições antipessoal e antiblindagem	- Sistema de posicionamento por satélite - Calculadora de tiro - Telemetro Laser.	- Boa capacidade todo o terreno com saídas e entradas rápidas de posição. - Boa movimentação em estrada, à semelhança das VBTP/VCI do mesmo tipo. - Boa protecção blindada.
- 120 mm de carregamento pela culatra.	±15 000 m		- Sistema de processamento de dados com possibilidade de ligação à artilharia de A/D e à unidade de manobra.	- Idem

d. Sistema anti-carro

- Baseia-se, fundamentalmente, no sistema lança-mísseis TOW da 1ª geração, ineficaz em situações de visibilidade reduzida e contra as novas blindagens compostas.
- Foi iniciado um programa de reconversão das unidades existentes para TOW 2, que lhes aumentará significativamente as características:
- Sistema de guiamento mais avançado e mais preciso.
- Maior capacidade de resposta às contra-medidas.
- Possibilidade das operações de manutenção e de reparação passarem para o A/D.
- Utilização de todas as munições existentes (mísseis) e por isso capacidade acrescida contra a maioria das blindagens existentes.

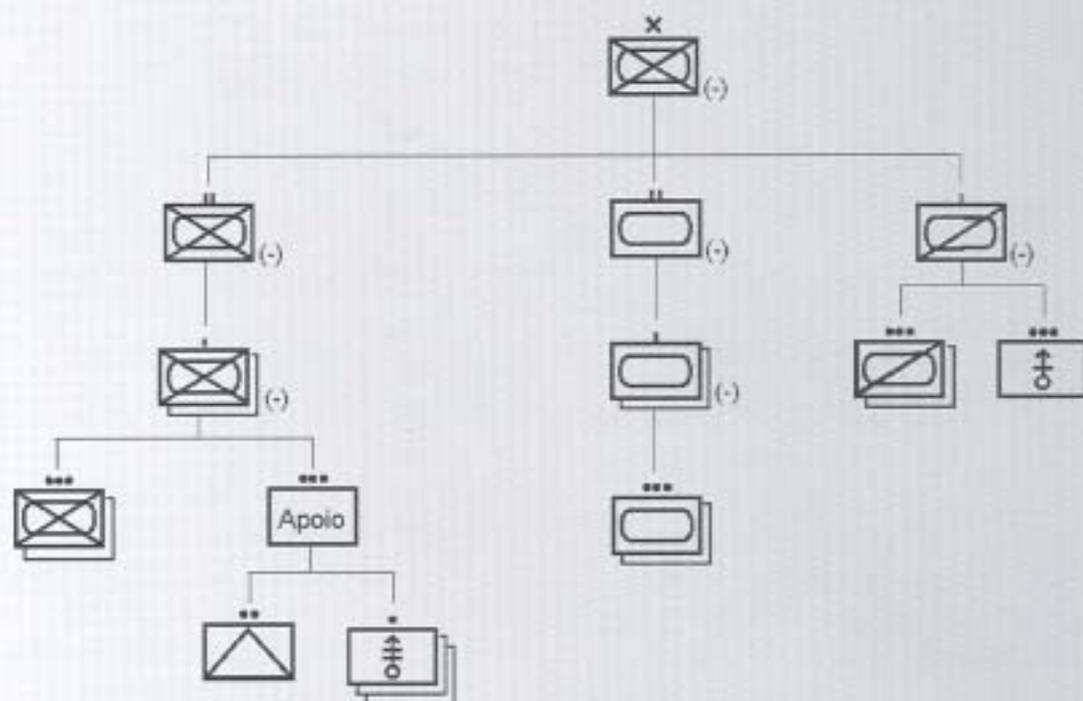
3) Conclusão



- Porque a missão primária da BMI continua centrada na defesa do Território Nacional e existe um leque diversificado de potenciais novas missões, que decorrem do apoio à política externa do Estado, a BMI deve ser organizada, equipada e treinada para fazer face a todas elas.
 - Porque haverá necessidade de enfrentar situações de contingência com prazos de reacção muito curtos, projectando forças talhadas para uma determinada missão, a organização de “tempo de paz” deve ser modular e permitir o emprego parcial da força, por módulos, garantindo simultaneamente a operacionalidade do remanescente.
2. A organização existente apresenta a flexibilidade necessária à constituição de estruturas operacionais que podem ser devidamente treinadas, até atingirem um grau de preparação adequado à diversidade de missões que possam surgir, permanentemente disponíveis para cumprir qualquer delas, não como excepção mas como rotina.
 3. O comando e apoios de combate e de serviços existentes apresentam uma estrutura modular e flexível, capaz de apoiar a força a destacar e garantir a operacionalidade do remanescente.
 4. Para garantir o treino da manobra ao nível Brigada, a estrutura mínima deverá possibilitar a organização de 2 agrupamentos a 2 subagrupamentos. Neste sentido, a base de trabalho assenta na organização de 1 Bimec a 2 Companhias a dois PelMec, o GCC a 2 Esquadrões a 2 Pelotões de CC e o Erec a 2 Pelotões de Reconhecimento.

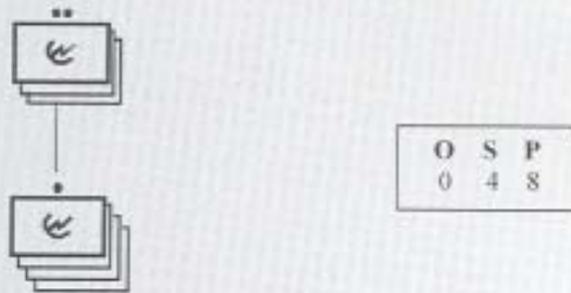
e. Organização

1. As unidades de manobra da BMI estão organizadas modularmente até ao nível elementar, permitindo as “conexões” adequadas ao cumprimento da missão.



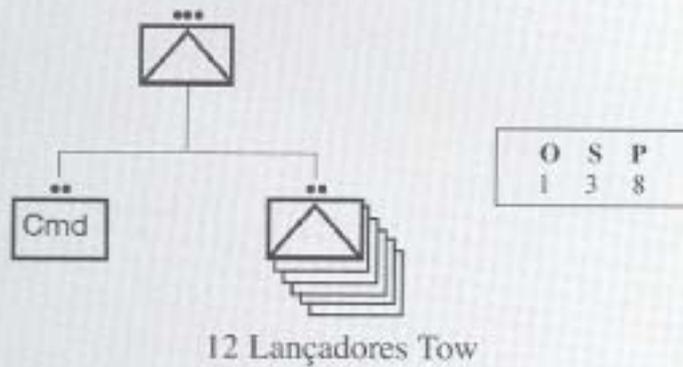
5. O apoio de combate disponível orgânico das Unidades em questão, é o seguinte:

(a) Secções de vigilância de campo de batalha



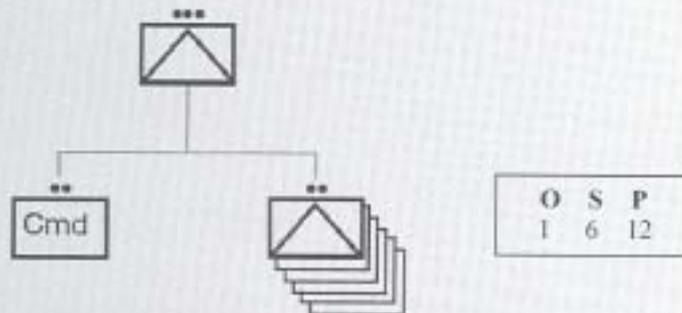
4 SISTEMAS x 3 = 12

(b) Pelotões ACar:

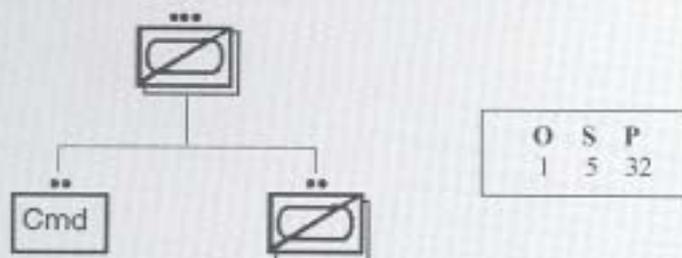


12 Lançadores Tow

(c) Pel Mort Pes:



(d) Pel Explr:



f) Viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) Viaturas de combate de Infantaria (VCI)

As considerações que se seguem, resultam da experiência adquirida no emprego de VBTP/VCI em teatros de operações tão diversos como a Somália, Ruanda e Ex-Jugoslávia, bem como das conclusões a que chegou o NIAG, (Nato Industrial Advisor Group) ao elaborar os planos de um Multi Purpose Base Armoured Vehicle (MPBV) que, em termos teóricos, poderá vir a equipar a maioria dos países da Nato, principalmente os europeus.

Existe unanimidade em relação aos seguintes aspectos:

1. Projecção operacional

Não deve ser considerada somente sob o aspecto de transporte em meios aéreos. A experiência confirma que os meios mais utilizados são a via marítima, a estrada (em plataformas) e o caminho de ferro, seguidos do deslocamento pelos próprios meios. Normalmente, só os destacamentos avançados utilizam meios aéreos.

Características ideais:

- Por via marítima:
Possibilidade de utilização de meios militares e civis, especialmente navios com capacidade roll on/roll off
Capacidade anfíbia que permita o desembarque em praias
- Por estrada
Largura < 3 m
Autonomia +1000 Km
Velocidade média – 60 Km/h por períodos de 8h
Por caminho de ferro:
Obedecer às especificações internacionais para o transporte de material militar em CF. A preparação para o transporte deve ser feita pela guarnição.
Possibilidade de carregamento usando os cais de desembarque das estações de

CF, sem necessidade de preparação especial.

- Por via aérea
Dimensões e peso de acordo com as capacidades dos modernos aviões de transporte civis. (Boing 747, Antonov, etc.)

2. Mobilidade táctica

- Capacidade para actuar em grandes áreas (Todo o terreno, estrada e áreas urbanizadas)
- Capacidade de manobra em espaços curtos (raio de viragem < 15m)
- Grande capacidade de aceleração para a frente e para trás.
- Grande capacidade para ultrapassagem de barricadas.

3. Resistência e adaptabilidade

- As operações de apoio à paz são normalmente missões prolongadas. É normal existirem destacamentos em locais isolados, durante períodos prolongados, que têm de se bastar a si próprios. As viaturas que utilizam devem garantir-lhes protecção, apoio logístico, combustível, munições, rações, água, etc) e comodidade.

4. Protecção

- As ameaças que podem surgir contra uma viatura blindada, mesmo em conflitos de baixa intensidade, são cada vez maiores. O aparecimento de "snipers", utilizando armas de calibre 12,7mm, com tendência para 14,5mm, obriga a que a blindagem ofereça protecção a esses níveis.
- A grande profusão de armas individuais anti-carro, de baixo custo e grande eficácia, do tipo RPG7 capazes de perfurações acima dos 30cm de aço homogéneo, obriga a que as viaturas blindadas ligeiras sejam concebidas para aceitar blindagem adicional (NERA) ou cargas reactivas (ERA) para fazer face a essas situações.
- Deve poder resistir aos efeitos de minas de pressão e apresentar a capacidade de

sair da zona de morte, pelos próprios meios, logo após a explosão.

Esta situação obriga a compromissos em relação à altura do veículo.

- Deve garantir protecção contra estilhaços de artilharia, resultantes de impactos não directos.

5. Ergonomia

- Deve estar adaptada a situações de

Chassis Base	Chassis Alto	Chassis Baixo
APC	Ambulância	Anti-carro (Peça)
Radar	Posto de Comando	Morteiro
Reconhecimento	Tms	Reconhecimento
Observador avançado	GE	Lançador de minas
Recuperação	Logística	
Combate de Engenharia	PCT	
Anti-carro (míssil)		
Canhão		
Anti-carro (míssil KE LOJAT)		

- O plano de carregamento deve garantir suficiente espaço livre à tripulação (acima dos 7 m³, ideal 10 m³), acomodando 10 homens na versão VBTP.

6. Armamento

- O armamento principal deve garantir mais do que autodefesa. Deve ter alcance suficiente e ser eficaz contra as ameaças mais vulgares (Pessoal apeado, viaturas blindadas ligeiras, possibilidade de fazer tiro anti-aéreo)
- O ideal seria um canhão de tiro rápido, acima dos 20mm, instalado numa torre e servido por um sistema de pontaria preciso para evitar danos colaterais, com capacidade passiva diurna e nocturna.
- Deve ser instalado armamento ligeiro (metralhadora 7.62) para defesa da viatura.

7. Logística

- A eficácia de uma força blindada está muito dependente do apoio logístico que lhe é fornecido mas também da robustez das viaturas e da simplicidade da manutenção, que deve apoiar-se mais no trabalho da tripulação do que em equipas de especialidades.
- As viaturas devem transportar, decorrente de um plano de carregamento devida-

campanha prolongadas, garantindo um mínimo de comodidade à tripulação, mesmo ocupando as posições de combate.

- Deve ser concebida para evacuação de feridos mesmo nas versões não especializadas.
- Partindo de um chassis base, deve poder cobrir as diferentes necessidades:

mente elaborado, combustível, munições, água e rações.

- Deve haver facilidade de detecção de avarias e substituição de conjuntos.
- O comandante da viatura não deve ser o apontador do armamento principal; são duas funções distintas que não podem ser executadas pelo mesmo elemento.

8. Motorização

- Motor diesel convencional e transmissão epicicloidal que garanta uma boa relação peso potência

9. Rodas/lagartas

- Não é mais verdade que um veículo de lagartas apresente sempre maior capacidade todo o terreno que um veículo de rodas. É mais correcto falar-se em pressão unitária, que está dependente da superfície de apoio no solo. É evidente que, em princípio, se conseguem resultados mais satisfatórios utilizando lagartas.
- Para o mesmo volume, os trilhos garantem mais espaço interior.
- As viaturas de rodas são mais fáceis e mais baratas em termos de operação, apesar de serem mais caras na origem.
- As viaturas de rodas não estão sujeitas às vibrações impostas pelas lagartas, especialmente em pisos duros, o que

oferece uma maior comodidade aos ocupantes e a vantagem de instalação de material electrónico sensível.

- As viaturas de rodas permitem velocidades de ponta mais elevadas

10. Diversos

- O vasto leque de missões que podem ser atribuídas a uma subunidade mecanizada, obriga a que as viaturas sejam dotadas de modernos sistemas de localização e designação que lhes permitam actuar isoladas;
- Sistemas de localização e navegação por satélite (GPS)
- Sistemas amovíveis de designação por guiamento de munições inteligentes e regulação de fogos de morteiros e artilharia.
- Sistemas amovíveis de medição de distâncias (telémetros laser), pela mesma razão.
- Devem estar equipadas com sistemas de transmissões seguros e fiáveis, capazes de garantir comunicações tácticas com qualquer espécie de tempo e em qualquer terreno, comunicações para o escalão superior e subordinados. As viaturas de comando devem possuir Tms via satélite.
- Sistemas passivos de visão.

11. VBTP M113

As viaturas da família M113, existentes na BMI, encontram-se obsoletas e tem uma vocação que não é adequada à utilização em conflitos de baixa intensidade, especialmente em operações de manutenção da paz. Ainda não está longe, na memória das pessoas, a imagem dos blindados chineses na praça de Tianamen, dos israelitas no Líbano ou americanos na Somália.

- (a) Não oferecem segurança aos ocupantes por insuficiência da blindagem e ausência de protecção do apontador do armamento principal.
- (b) A metralhadora Browning 12,7 é manifestamente insuficiente como armamento principal.
- (c) O sistema de pontaria não é suficien-

temente preciso para evitar danos colaterais.

- (d) Não possui armamento secundário.
- (e) É extremamente incómoda para o pessoal a transportar, especialmente em pisos duros.
- (f) Não foi concebida para se viver nele por períodos longos.
- (g) Não garante médias horárias á volta dos 60 Km/h (8 horas).
- (h) Não apresenta sistemas passivos de visão e de pontaria que possam ser utilizados em situações de visibilidade reduzida. Por isso, não pode “agrupar-se” e cooperar com sistemas de armas que possuem estas características.
- (i) Não possui qualquer sistema de localização, designação e medição de distâncias.
- (j) Não possui qualquer sistema de comunicação seguro e fiável.
- (k) Presentemente, não há dificuldade de aquisição de sobressalentes. Esta situação virá certamente a inverter-se a partir 2005 com a estrada ao serviço de novas viaturas blindadas nos exércitos da maioria dos países da NATO.
- (l) Existem soluções testadas para solucionar os problemas apresentados e melhorar as viaturas, estendendo a sua vida útil por um período de cerca 5 anos e prevendo a sua substituição, no início de 2006, de preferência por viaturas iguais às que irão equipar a maioria dos países da NATO, de rodas ou lagartas.

Portanto, existem três soluções possíveis em relação ao futuro da família de viaturas M 113:

- Melhorar as consideradas necessárias e estender a sua vida útil até 2006
- Iniciar a substituição por viaturas de rodas ou e lagartas, das consideradas necessárias
- Manter a situação actual

ANTÓNIO D. P. PEREIRA

COR CAV^a